



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**EDUARDO BERNARDO CRUZ
RODRIGO MELO MOREIRA**

**A FORÇA DO NORDESTINO EM GOIÁS: A MIGRAÇÃO NORDESTINA
PARA CIDADES GOIANAS**

GOIÂNIA

2023

EDUARDO BERNARDO CRUZ

RODRIGO MELO MOREIRA

**A FORÇA DO NORDESTINO EM GOIÁS: A MIGRAÇÃO NORDESTINA
PARA CIDADES GOIANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia
Universidade Católica de Goiás como
requisito final para a conclusão do
título de Bacharel em Comunicação
Social com habilitação em
Jornalismo, orientado pelo Professor
Me. Enzo de Lisita.

Orientador: Prof. Me. Enzo de Lisita

GOIÂNIA

2023

CRUZ, Eduardo Bernardo; MOREIRA, Rodrigo Melo. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de Direito, Negócios e Comunicação. Curso de Jornalismo. Goiânia-GO, 2023.

**A FORÇA DO NORDESTINO EM GOIÁS: A MIGRAÇÃO NORDESTINA
PARA CIDADES GOIANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em ____/____/____ para
obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Banca Examinadora:

Profº. Mestre Enzo De Lisita - Orientador

Profª. Mestra Gabriella Luccianni Morais de Souza Calaça - Convidada

Profº. Mestre Luiz Alberto Serenini Prado - Convidado

GOIÂNIA

2023

AGRADECIMENTOS

Decido este trabalho, primeiramente, à minha família, que sempre foi a minha base. Aos meus pais Arnaldo Bernardo (*in memoriam*) e Marcilei Laureano agradeço por sempre terem feito todo o possível para ver os filhos educados e se formando em uma universidade. Se estou podendo realizar este sonho, é graças ao empenho e dedicação deles. Por mais que meu pai não esteja presente para acompanhar este momento, sei que acompanhou toda minha trajetória.

À minha mãe Marcilei por todo apoio, carinho, paciência e amor durante a vida, especialmente durante as fases mais estressantes da faculdade, onde sempre me acolheu, apoiou, incentivou e ajudou. Aos meus irmãos Caio Fernando e Iggor Laureano agradeço por todo apoio e incentivo durante a vida, sobretudo na graduação.

Agradeço aos colegas e amigos colecionados ao longo do curso de Jornalismo, especialmente às amizades feitas nos últimos semestres da graduação, que me deram o apoio necessário para a realização deste trabalho. Estendo os agradecimentos ao Rodrigo Melo, pela parceria e amizade firmada neste um ano de TCC, ao professor Enzo de Lisita, pelas orientações, e aos demais professores que me ajudaram a chegar até aqui através de seus ensinamentos e auxílios. Agradeço a Deus pelos ensinamentos e discernimento que me possibilitaram concluir com êxito este projeto e a graduação em Jornalismo.

Eduardo Bernardo Cruz

Primeiramente, dedico aos meus amigos e família que me incentivaram a voltar a estudar e ingressar no ensino superior, após 10 anos que terminei o ensino médio. Sem eles, eu dificilmente me desafiaria a recomeçar a vida estudantil e profissional em busca do sonho de ser jornalista. Agradeço também a todos que me ajudaram neste trabalho, com indicação de fontes e lugares, além de dicas de produção e edição.

Dedico carinhosa e intensamente aos nordestinos, povo alegre, corajoso, guerreiro e trabalhador, que sagraram suas mãos na construção do nosso Goiás

e nos abençoaram com sua cultura riquíssima. Faço uma dedicatória especial aos personagens deste documentário que aceitaram o convite de contar um pouco da sua história e ainda me acolheram com uma boa conversa e mesa farta de comida após as entrevistas. Agradeço a Deus por colaborar para minha capacitação e me guiar por caminhos e pessoas que tanto me ajudaram para este trabalho.

Rodrigo Melo Moreira

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um filme documentário sobre a migração de povos nordestinos para Goiás e suas vivências e dificuldades no Estado. O objetivo é valorizar essa população, retratando o motivo da saída de seus Estados e a vinda para Goiás, os desafios e preconceitos enfrentados, a adaptação a uma nova realidade e a influência de suas tradições na cultura goiana. Neste filme, **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas**, é abordada a história de nove personagens, entre nordestinos e descendentes, que residem em Goiânia e Terezópolis de Goiás e conseguiram progredir econômica e socialmente.

Palavras-chave: Nordestinos; Migração; Goiás; Cultura.

ABSTRACT

The documentary *The strength of the northeastern in Goiás: the northeastern migration to Goiás' cities* is a documentary film about the migration of northeastern people to Goiás and their experiences and difficulties in a different state. This project aims to value this population, portraying the reasons for leaving their States and coming to Goiás, the challenges and prejudices that they have faced, the adaptation to a new reality and the influence of their traditions on Goiás culture. This film also tells the story of nine characters, between northeasterners and their descendants, who live in Goiânia and Terezópolis de Goiás and managed to progress economically and socially.

Keywords: Northeast; Migration; Goiás; Culture.

SIGLAS

ABC Associação Brasileira De Cinematografia

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

BA Bahia

CANG Colônia Agrícola Nacional de Goiás

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH Índice de Desenvolvimento Humano

IMB Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ODNE Observatório do Desenvolvimento do Nordeste

PA Plano Aberto

PAM Plano Americano

PE Pernambuco

PG Plano Geral

PIB Produto Interno Bruto

PM Plano Médio

PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SP São Paulo

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

UFRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP Universidade de São Paulo

XIX Século 19

XVI Século 16

XVIII Século 18

SUMÁRIO

SIGLAS	7
INTRODUÇÃO	9
1 NORDESTINOS	10
1.1 SURGIMENTO DO NORDESTE	10
1.2 GEOGRAFIA DO NORDESTE	11
1.3 ECONOMIA DO NORDESTE	12
1.4 CULTURA NORDESTINA	14
1.5 MIGRAÇÃO	17
1.6 MIGRAÇÃO EM GOIÁS.....	20
1.7 MIGRAÇÃO NORDESTINA EM GOIÁS	22
1.7.1 TerêOxente	23
1.7.2 Dia Estadual do Nordeste	25
2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO	27
2.1 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO	28
2.2 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO	32
2.3 DOCUMENTÁRIO E CULTURA	33
2.4 RELAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO	35
2.5 CONSTRUÇÃO	37
2.5.1 Produção.....	40
2.5.2 Gravação	42
2.5.3 Edição	47
3 DIÁRIO DE BORDO	48
3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I.....	48
3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II.....	50
3.3 PERFIL DOS PERSONAGENS.....	51
3.4 MEMORIAL.....	53
3.4.1 Eduardo Bernardo.....	53
3.4.2 Rodrigo Melo.....	54
4 CONSIDERAÇÕES	57
Referências	59
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – Roteiro Final	63
APÊNDICE B – Repente <i>NorDestino em Goiás</i>	78
ANEXO 1 – Autorização do uso de imagem e áudio	80
ANEXO 2 – Direitos autorais da trilha sonora	88

INTRODUÇÃO

O documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas** busca mostrar o fluxo migratório de pessoas da região Nordeste brasileira para Goiás e suas vivências no Estado. A partir de relatos de personagens, nordestinos e descendentes, este trabalho tem o intuito de retratar o motivo da saída de nordestinos de seus Estados, os desafios enfrentados em um novo ambiente, sua adaptação, influência na cultura local e orgulho que sentem por sua história.

A escolha do tema partiu da experiência pessoal de um dos autores deste trabalho, que, dado seu convívio com nordestinos durante sua trajetória, reconheceu a expressiva influência deste povo em sua região. Nesse sentido, o filme busca valorizar a história e os costumes de uma população que sofre xenofobia fora de sua terra.

Com isso, surgiu a vontade de criar um produto em que pudessem ser colocados em prática os conteúdos aprendidos durante a graduação em Jornalismo. Foi considerado que o documentário possibilitaria retratar de forma mais fidedigna e abrangente a vivência de migrantes nordestinos no Estado, além de propiciar aos autores a experiência de pautar, ir a campo, entrevistar, gravar e editar um produto, preparando-os para um mercado de trabalho que busca cada vez mais por profissionais multimídia e multitarefas.

Para a construção deste projeto, foi pesquisado e abordado teoricamente o método de produção de um filme documental de forma ética, perpassando por sua relação com o jornalismo, ficção, cultura e suas etapas de construção (produção, gravação e edição). No que tange ao tema central do trabalho, foram levantados dados bibliográficos do fluxo migratório de nordestinos no país, afunilando as informações para o Estado de Goiás entre as cidades da Região Metropolitana de Goiânia; além de informações sobre o surgimento da região Nordeste, sua geografia, economia e cultura, que possibilitaram o embasamento deste Trabalho de Conclusão de Curso. Os dados do censo do IBGE utilizados neste projeto datam até 2021. Até a atualização deste trabalho, no final de maio de 2023, o instituto não divulgou novos dados referentes ao Censo 2022.

1 NORDESTINOS

Este capítulo trata, com base em dados oficiais e estudos acerca do tema, sobre a região Nordeste do Brasil, mais especificamente sobre seu surgimento no decorrer da história do país; sua geografia, com informações a respeito de população e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); economia e principais setores do mercado de trabalho dos Estados; hábitos e culturas da região, como festas, culinária, manifestações religiosas e músicas. A questão da migração de nordestinos para outras regiões, especialmente para Goiás, e como eles vivem no Estado, também é alvo deste capítulo.

1.1 SURGIMENTO DO NORDESTE

A região Nordeste do Brasil foi a primeira área do país a ser encontrada e colonizada pelos portugueses, apesar de já abrigar diversas tribos indígenas locais. Entretanto, a região ainda não era conhecida como o Nordeste brasileiro. Como cita Denis de Mendonça Bernardes em sua obra *Notas sobre a formação social do Nordeste* (2007, p. 43) “a formação do que um dia viria a ser o *Nordeste* está diretamente ligada à história do espaço colonial brasileiro”. Durante o período colonial no país (1500 - 1822) o que hoje é conhecida como região Nordeste era ocupada por florestas, que foram derrubadas para a extração de pau-brasil. Durante o Brasil Colônia, essa área foi ocupada por capitânicas hereditárias, preenchidas por campos de cana-de-açúcar e engenhos. Foi nesse mesmo período que Salvador, capital da Bahia, tornou-se a primeira sede administrativa portuguesa no Brasil, na tentativa da Coroa portuguesa de centralizar o governo no país.

A chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, e a transferência da capital do Reino para o Rio de Janeiro possibilitaram novas condições para a vida política nacional e contribuíram “para uma nova territorialidade ao, de alguma maneira, dividir o país em duas grandes regiões: o Norte e o Sul” (BERNARDES, 2007, p. 54). Nessa divisão, as províncias que iam da Bahia até o Amazonas compunham a região ao norte da corte real. Essa foi a primeira delimitação regional englobando a atual região Nordeste, embora ainda não fosse tal qual é conhecida na atualidade.

Durante a Primeira República (1889 – 1930), em decorrência do *boom* da borracha, começaram as primeiras discussões de uma nova divisão espacial do território brasileiro, com a separação das regiões Norte e Nordeste (BERNARDES, 2007). Na década de 1930, com a criação do Instituto Nacional de Estatística (futuro Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) e do Conselho Nacional de Geografia, foi oficializada a “primeira divisão regional do território brasileiro e a elaboração do primeiro mapa do Brasil no qual o país aparece dividido em regiões” (BERNARDES, 2007, p. 69). Dessa forma, o Nordeste passou a ser considerado como uma região com delimitação oficial.

O país passou por outras duas divisões regionais promovidas pelo IBGE ao longo dos anos, uma em 1942 e outra em 1970, sendo esta utilizada até a atualidade, dividindo Brasil em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul (CONTEL, 2014). A região Nordeste, especificamente, é composta por nove Estados, sendo eles Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

1.2 GEOGRAFIA DO NORDESTE

Os Estados que compõem a região Nordeste do Brasil estão situados no litoral e ocupam, ao todo, cerca de 1,6 milhão de quilômetros quadrados, o que representa 18,3% do território nacional, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹. Com 1.794 municípios, a região possuía 73% de área urbanizada em 2010, ante a média brasileira de 84%. No mesmo ano, a média do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região chegava a 0,663, em uma escala que varia entre 0 e 1, sendo levados em conta aspectos como saúde, educação e renda. O Estado de Alagoas, o segundo menor do país, possuía o pior IDH entre as unidades federadas, com 0,631, segundo dados do censo de 2010 do IBGE². De forma geral, o IDH dos Estados nordestinos é considerado baixo, estando entre os dez piores do país. O Rio Grande do Norte é o que possuía a melhor classificação na região, na décima sexta posição do *ranking* nacional² com IDH de 0,684.

¹ Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/resumo/info_nordeste.pdf. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

O Nordeste possuía, em 2021, uma população de aproximadamente 57,7 milhões de pessoas, ou 27% da população do país, de acordo com estimativas feitas pelo IBGE¹. Destes, cerca de 28 milhões eram do gênero masculino, contra aproximadamente 29 milhões do gênero feminino. No quesito idade, em 2020, 47,6% da população nordestina possuía entre 25 e 59 anos, seguido por crianças de até 13 anos (20,9%), jovens de 14 a 24 anos (18,3%) e idosos com 60 anos ou mais (13,2%). No mesmo ano, a região representava 27,0% dos eleitores brasileiros¹.

O Estado mais populoso do Nordeste, segundo o censo de 2010², era a Bahia, com pouco mais de 14 milhões de habitantes. Na projeção de 2021, o Estado contava com população estimada de 14,9 milhões de pessoas. A Bahia também concentrava o município mais populoso da região Nordeste, a capital Salvador, com 2,9 milhões de habitantes, e o maior município do interior da mesma região, sendo Feira de Santana. Já o maior aglomerado urbano da região, segundo o IBGE¹, era a cidade de Recife, capital de Pernambuco.

1.3 ECONOMIA DO NORDESTE

No quesito econômico, o Nordeste possuía, em 2019¹, 14,2% de participação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³, é “a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano”. Já no PIB do Nordeste de 2019, a Bahia possuía a maior participação com 28%, seguida por Pernambuco (18,9%), Ceará (15,6%), Maranhão (9,3%), Rio Grande do Norte (6,8%), Paraíba (6,5%), Alagoas (5,6%), Piauí (5,0%) e Sergipe (4,3%). Em relação ao PIB *per capita*, que é a divisão do Produto Interno Bruto pelo número de habitantes, a região alcançou, em 2019, 18,3 mil reais.

O principal setor econômico do Nordeste é o de comércio e serviços, que foi responsável por 75% da economia da região no ano de 2019, enquanto a indústria representou 18,5% e a agropecuária 6,5%, segundo o IBGE¹. Apesar da baixa participação econômica deste último setor, o Nordeste brasileiro foi responsável por 70,6% do rebanho nacional de ovinos e 95% de caprinos. Em

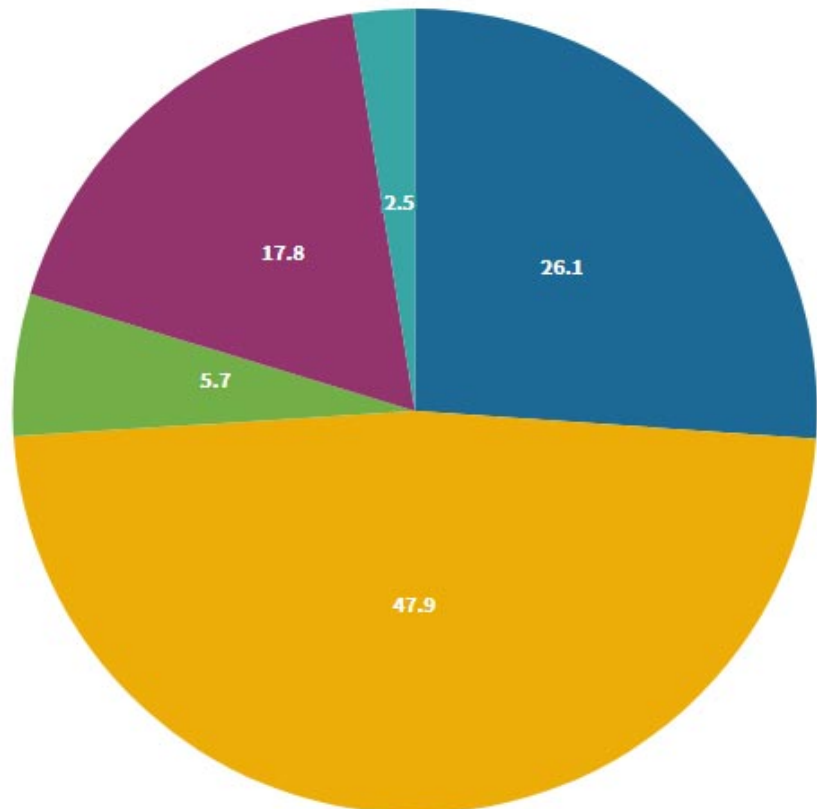
³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

2020, segundo dados do IBGE¹, a produção agropecuária nordestina alcançou 58,3 bilhões de reais, representando 12,1% do valor de produção agropecuária do Brasil naquele ano.

Alguns dos principais produtos agrícolas cultivados na região no ano de 2020¹ foram a soja, milho, cana-de-açúcar, algodão, manga e cacau. O Nordeste foi o terceiro maior produtor de soja do país, responsável por 9,5% da produção nacional, encabeçado pela Bahia, Maranhão e Piauí. Em relação ao milho, foi o quarto maior produtor nacional, com 8,5% da safra brasileira presente nos mesmos Estados. Alagoas, Pernambuco e Paraíba foram alguns dos responsáveis por 6,8% da produção de cana-de-açúcar no Brasil, a terceira maior do país. A Bahia foi a principal responsável pelo cultivo de algodão na região, que foi a segunda maior produtora brasileira da fibra, com 23,2% da colheita nacional. Já a manga e o cacau representaram, respectivamente, 78,5% e 39,9% da produção brasileira desses alimentos.

De acordo com o estudo *Perfil das despesas no Brasil: Indicadores selecionados*, do IBGE (APUD, FECOP, 2020), o Nordeste possui a maior “concentração de pessoas que vivem em situação de pobreza [...] entre as cinco regiões brasileiras”. A região concentrava, em 2020, 47,9% da pobreza existente no país, conforme se visualiza no gráfico abaixo.

■ Norte ■ Nordeste ■ Centro-Oeste ■ Sudeste ■ Sul



Em relação ao mercado de trabalho, segundo dados do IBGE¹, o Nordeste brasileiro possuía, em 2020, estoque de 8,4 milhões de empregos formais, divididos nos setores de serviços, comércio, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, administração pública, extrativa mineral, agropecuária e construção civil. Já o rendimento mensal da população nordestina no mesmo ano chegou a aproximadamente 1,8 mil reais.

1.4 CULTURA NORDESTINA

Os Estados que compõem a região nordestina possuem aspectos culturais fortes. Com elementos bem diversificados, o Nordeste detém grande diversidade cultural composta por manifestações religiosas e festividades tradicionais. A cultura nessa região é tão marcante que em 2 de agosto é comemorado o Dia da Cultura Nordestina, em homenagem ao *Rei do Baião* Luiz Gonzaga, que faleceu nessa mesma data em 1989. O cantor é um símbolo para o povo nordestino e um dos mais influentes da música popular brasileira.

O Carnaval é um dos eventos mais populares, especialmente em Salvador (BA), Olinda e Recife (PE). Durante o período de celebração, comemorado quatro dias antes da Quarta-Feira de Cinzas, em que é marcado o início da Quaresma, milhares de turistas são atraídos para o Nordeste para participar do evento, caracterizado pela riqueza musical e alegria dos foliões. Segundo dados da Secretaria de Cultura e Turismo de Salvador⁴, 854 mil turistas estiveram na capital baiana desde as festas pré-carnavalescas *Fuzuê* e *Furdunço*, até a terça-feira de Carnaval, no ano de 2020.

De acordo com o Ministério do Turismo⁵, em 2014, apenas os Estados da Bahia, Ceará e Pernambuco atrairiam 1,6 milhão de turistas para o Nordeste durante o Carnaval. Essa quantidade teria um acréscimo de R\$ 1,55 bilhão na economia da região.

O Frevo é uma dança marcante do Carnaval nordestino que acontece principalmente em ruas de cidades pernambucanas. O nome surge a partir do verbo ferver, verbalizado de forma coloquial como *frever*, associado à velocidade com que devem ser feitos os passos da dança. O ritmo, que é dançado com uma sombrinha na mão e trajes coloridos, recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Outras festas regionais mais conhecidas são o Bumba Meu Boi, Encontro Nacional de Folgedos, Forró Caju e Reisado. No entanto, as principais festas da cultura do Nordeste são comemoradas no mês de junho, as chamadas Festas Juninas. Acompanhadas por danças típicas, como a quadrilha e o forró, bandeirolas, balões e fogos de artifício, as comemorações fazem homenagem a três santos católicos: Santo Antônio, no dia 13, São João, no dia 24, e São Pedro, no dia 29.

O festejo promove também comidas típicas de milho, pois estão diretamente vinculadas ao início da colheita do cereal. Na gastronomia junina estão a canjica, pamonha, bolo de milho, milho assado, milho cozido, quentão, o pé de moleque, entre outros. A cidade de Campina Grande, na Paraíba, é

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/carnaval/2020/noticia/2020/02/26/carnaval-de-salvador-854-mil-turistas-visitaram-capital-baiana-durante-fofia-aponta-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/nordeste-vai-atrair-16-milhao-de-turistas-no-carnaval>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

conhecida por realizar o maior São João do mundo, que tem início no dia 30 de maio e termina no dia 30 de junho.

Na obra *As Festas Juninas: uma vitrine de culturas simbólicas no contexto do turismo cultural*, do professor de Comunicação Social e Turismo Severino Alves de Lucena Filho⁶ (p. 10), o autor afirma que a Festa Junina possui diversos símbolos culturais em suas produções, que constroem uma série diversificada de interpretações. Segundo o autor, esses signos compõem o contexto da Festa Junina do período colonial até os dias atuais.

O cenário da festa junina gera variados símbolos na: Religiosidade – os santos: Santo Antônio, São João e São Pedro; Culinária – angu, canjica, milho cozido e assado, bolo de milho, pé-de-moleque e a cachaça; Vestimenta – chapéu de palha, bota de couro, alpercata de couro, calças e camisas com remendos, vestidos e saias com babados; Fogos de Artíficos e as Fogueiras; O Balão e as Bandeirolas; Danças – xaxado, baião, xote, forró, arrasta-pé, quadrilha; Instrumentos Musicais – sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro (LUCENA FILHO, p. 12).

O Nordeste promove ainda outras festas cristãs populares, como a Romaria de Finados de Juazeiro do Norte, no Ceará, evento que homenageia Padre Cícero, considerado um santo popular. Outra manifestação que atrai milhares de fiéis todos os anos é a Festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Recife.

A região possui também diversas festas religiosas de origem africana, introduzidas no país pelos escravos negros. Alguns exemplos são: a Festa de Iemanjá, em agradecimento ao que eles consideram como Rainha do Mar; e a Lavagem do Bonfim, onde milhares de romeiros chegam ao Santuário do Senhor do Bonfim, considerado como um Oxalá africano.

A Capoeira é mais um dos elementos que fazem parte da cultura do Nordeste e que foram inseridos pelos negros escravizados, numa tentativa de socialização. Basicamente, a Capoeira é definida como uma dança e luta ritmada, onde se misturam arte marcial e música. Os movimentos de ataque,

⁶ Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/90-as-festas-juninas.pdf>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

defesa e esquiva são realizados ao som do berimbau, atabaque e agogô, acompanhados com cantos e palmas das pessoas que compõem a roda. Essa expressão cultural é preservada e repassada por meio dos mestres de capoeira.

O Cordel, uma expressão da poesia popular recitada ou publicada em folhetos, relata os costumes e as crenças do povo, representando a literatura nordestina. O nome se originou pela forma como eram vendidos, popularmente dispostos em feiras pendurados em cordões. Os personagens ali inseridos podem ser reais ou fictícios.

Outra modalidade de poesia popular é representada pelos repentistas. Acompanhados com um pandeiro, os cantadores improvisam versos sobre os mais diversos assuntos em feiras e espaços populares. As apresentações podem ser individuais ou em forma de desafio, quando trocam versos com outro cantador.

A culinária nordestina foi desenvolvida sob a influência da comida portuguesa, africana e indígena, e, por isso, possui uma ampla diversificação de sabores e preparos. Os destaques são os pratos com temperos fortes e apimentados. Se consideradas as comidas bem temperadas, pode-se citar o acarajé, vatapá, bobó de camarão, moqueca de peixe e sururu. O *menu* nordestino, de acordo com os diversos entrevistados do documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas** (2023), ainda possui pratos típicos como a carne de sol, buchada de bode, sarapatel, cururu, feijão-verde, canjica, tapioca (também chamada de *beju* em alguns estados nordestinos), peixes, frutos do mar, entre outros.

O vestuário tradicional das baianas também é considerado outro ícone da cultura nordestina, comumente visto entre as vendedoras de acarajés e nos terreiros de Candomblé. Essas roupas apresentam bordados, detalhes coloridos, saias sem roda ou saias de brocado, batas, ojás na cabeça e fio de contas como acessórios.

No entanto, o figurino de destaque é o que faz menção aos cangaceiros, grupo que protagonizou um movimento social ocorrido no sertão nordestino entre os séculos XIX e XX. Suas roupas típicas contam com vestuários e chapéus de couro, usados como proteção contra a vegetação espinhosa da caatinga.

1.5 MIGRAÇÃO

A migração é um fenômeno caracterizado como o processo de deslocamento de pessoas de um espaço geográfico (GUITARRARA). A troca de país, de região, estado, município ou de domicílio pode ser temporária ou permanente. Nesse sentido, surgem as figuras do emigrante e imigrante. Basicamente, o emigrante é o indivíduo que sai de seu lugar de origem para viver em outro. Já o imigrante é a pessoa que entra em um local diferente para estabelecer nova residência. Nesse sentido, o nordestino que vem para Goiás é considerado como imigrante.

A historiadora e doutora em Antropologia Social pela USP Lili Schwarcz, em vídeo publicado no próprio canal do *YouTube*⁷, usa a palavra *diáspora* no lugar de migração para falar a respeito das correntes migratórias do Nordeste. A palavra, de origem grega, significa *dispersão* ou *deslocamento por motivos religiosos ou políticos*, associado, por exemplo, à diáspora de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a historiadora, o termo ganhou abrangência e seu significado passou a se referir também aos grupos que saem do seu contexto e recriam suas culturas em outras sociedades. Para Schwarcz, uma vez que essas populações contribuem social, cultural e economicamente para as regiões que as receberam, a palavra *diáspora* passa a ser a melhor definição.

No Brasil, entre os movimentos migratórios mais diversificados, o povo nordestino se destaca pela quantidade de fluxos, com destinos principalmente para as regiões Sudeste e Centro-Oeste. Entre 1930 e 1970, o fator econômico provocou a migração de nordestinos, principalmente para a região Sudeste. Essa mudança envolveu também aspectos políticos, religiosos, culturais e desastres ambientais. A partir da década de 1950, com a construção de Brasília e a expansão agrícola na região Centro-Oeste, os fluxos de migração advindos do Nordeste cresceram nessa região (MELO, FUSCO, 2019).

A região Sudeste, composta por São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, é a segunda menor do país em território. No entanto, a área

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldGd9vDEItA>. Acesso em: 12 de novembro de 2022.

possui os Estados responsáveis por mais da metade do PIB brasileiro⁸. A região alcançou uma industrialização acelerada durante a década de 1950, o que atraiu pessoas de várias partes do Brasil em busca de emprego. Durante os anos seguintes, cidades do Sudeste passaram a ter imigrantes de praticamente todos os Estados nordestinos.

De acordo com pesquisa realizada por Angelita Alves de Carvalho, Laura L. R. Wong e Paula Miranda-Ribeiro (*APUD*, MELO, FUSCO, 2019), São Paulo foi o Estado que mais concentrou imigrantes do Nordeste, em especial a capital.

A metrópole paulista, já consolidada como local de destino dos mais volumosos fluxos migratórios, cresceu com o impulso proveniente da força de trabalho de outros estados. Este crescimento é representado tanto pelo contingente populacional quanto pela ocupação do espaço na cidade. Aos poucos, esses migrantes foram estabelecendo suas residências, relações sociais e reproduções culturais, além de impulsionarem os efeitos indiretos da migração, a exemplo dos filhos destes migrantes que nasceram na Região Metropolitana de São Paulo (RIBEIRO, CARVALHO, WONG; *APUD*, MELO, FUSCO, 2019, p. 01).

Com os resultados do Censo Demográfico de 1980, os pesquisadores averiguaram uma redução das correntes migratórias na Grande São Paulo, o que permitiu identificar os movimentos de retorno à região Nordeste. Parte desses imigrantes não tinha mais condições de pagar os altos custos de vida e ainda lidar com a falta de oportunidades de trabalho em um mercado competitivo, em busca de mão de obra qualificada.

O Observatório do Desenvolvimento do Nordeste (ODNE)⁹ analisou os dados dos censos de 2000 e 2010¹⁰ para entender o desempenho migratório da população nordestina em relação às outras regiões do Brasil. Os dados

⁸ Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2014/11/14/sudeste-concentra-552-do-pib-do-pais-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 12 de novembro de 2022.

⁹ O Observatório do Desenvolvimento do Nordeste (ODNE) é um serviço do governo federal que visa ampliar o livre acesso às informações sobre o desenvolvimento sustentável regional, produzindo informações analíticas e espaciais para subsidiar estudos, pesquisas, formulação e avaliação de políticas.

¹⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/boletim-sudene-migracao.pdf>. Acesso em: 12 de novembro de 2022.

registraram que muitos migrantes estavam retornando para as suas cidades de origem.

No ano 2000, a corrente migratória de nordestinos para a região Sudeste foi de 6.769.499 pessoas, sendo a região de maior interesse dos migrantes. Apesar disso, os imigrantes do Nordeste representavam apenas 9,35% da população residente naquela região. Em contrapartida, a composição da população residente na região Centro-Oeste é a que possuía maior concentração de migrantes do Nordeste (11,96%). O fenômeno não se alterou ao longo dos anos. De acordo com o censo de 2010, o Centro-Oeste continuava como a região de maior concentração de migrantes nordestinos no Brasil (11,32%)

1.6 MIGRAÇÃO EM GOIÁS

Durante o governo de Getúlio Vargas, foi instituída a campanha *Marcha para o Oeste*, trazendo a estrada de ferro até Anápolis, em Goiás. Na época, Vargas nomeou interventores para todos os governos estaduais, e Pedro Ludovico foi o escolhido para gerir Goiás.

O interventor decidiu construir uma nova capital para o Estado, pois, na sua avaliação, a mudança seria uma das alternativas que permitiria a ligação do Centro-Oeste ao Sul do país. Para isso, era preciso estimular a ocupação em Goiás e aumentar a produção econômica. Nesse tempo foi iniciada a construção de Goiânia e a instalação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), em Ceres.

Essas mudanças promoveram um grande crescimento populacional nas regiões Centro e Sul do Estado, ocasionado principalmente por um intenso fluxo migratório. A medida teve resultados além do esperado.

De acordo a cartilha *Migração em Goiás entre 2005 e 2015*, publicada pelo Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB)¹¹, Goiânia foi planejada para que em 100 anos a população chegasse a 50 mil habitantes. A construção da nova capital atraiu aproximadamente 4 mil operários, vindos principalmente do Nordeste, Minas Gerais e São Paulo.

¹¹ O Instituto Mauro Borges é o órgão do Governo do Estado de Goiás responsável por pesquisas e estatísticas nas áreas de economia, geoprocessamento, geografia e ciências sociais.

Quando a cidade foi erguida, mais imigrantes foram atraídos e a migração ficou concentrada em Goiânia, o que triplicou a população da capital entre as décadas de 1940 e 1960.

Com o início da construção de Brasília, entre 1957 e 1960, um novo fluxo migratório para a região Centro-Oeste aconteceu, com mais trabalhadores vindos do Nordeste e Minas Gerais. Quando Brasília foi inaugurada, havia cerca de 150 mil habitantes em Goiânia. Desse montante, a maioria era originária de Estados nordestinos e de Minas Gerais. Na década de 1970, houve uma baixa no fluxo migratório e a origem dos imigrantes em Goiás se restringiu basicamente aos Estados do Nordeste.

Ao analisar os dados dos censos dos anos seguintes, os pesquisadores do IMB traçaram um perfil dos imigrantes que aqui chegaram entre 1980 e 2000. Nesse período, foi constatado maior fluxo migratório de curta distância, em grande parte com um intercâmbio entre a Região Metropolitana de Goiânia, o Entorno de Brasília e o Distrito Federal. Nas últimas décadas, o Estado manteve o saldo migratório positivo e crescente. Os dados analisados pelo Instituto Mauro Borges mostraram que a maioria dos imigrantes em Goiás era oriunda do Maranhão, Bahia e Minas Gerais.

Os dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE constataram que, entre 2005 e 2010, o Centro-Oeste foi a segunda região do país que mais recebeu imigrantes, com cerca de 262 mil pessoas. No mesmo período, Goiás ficou em segundo lugar no *ranking* nacional, com 107.826 pessoas, perdendo apenas para São Paulo. O mesmo levantamento demonstrou que o território goiano teve o maior valor da taxa líquida¹² de migração, 34,62 migrantes por mil habitantes. Já Goiânia foi considerada a segunda capital que mais atraía imigrantes no Brasil, perdendo apenas para sua vizinha, Brasília.

Em 2015, as estimativas de migração, quando utilizados os dados da PNAD¹³, mostravam que as pessoas residentes em Goiás que são naturais de outros Estados somavam aproximadamente 1,9 milhões, o que representa 28,7% da população goiana. Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal, Maranhão e

¹² Esse percentual calcula o efeito líquido da imigração e emigração sobre a população de uma área por 1.000 habitantes.

¹³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE. Responsável por pesquisar características gerais da população, como trabalho, habitação, educação e rendimento.

Tocantins foram as cinco unidades federativas que mais contribuíram para a migração acumulada em território goiano, somando 63,4%.

1.7 MIGRAÇÃO NORDESTINA EM GOIÁS

O estudo *Panorama da Migração em Goiás*, realizado pelo Instituto Mauro Borges em 2014, apresenta um retrato das características de povos imigrantes que moram em Goiás no que tange à ocupação, renda, formação, moradia, entre outras questões que auxiliam a compreender melhor como essas pessoas vivem no Estado. Segundo o documento, baseado em dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, o Estado de Goiás possuía mais de 27% do total de habitantes oriundos de outras unidades da federação. Desse total, a região Nordeste do Brasil foi responsável por pouco menos de 42% dos moradores nascidos fora de Goiás, sendo os Estados da Bahia e Maranhão os que mais contribuíram para este cenário, com 3,7% e 2,7% da população goiana, respectivamente. Isso representava, segundo o IBGE, 676.064 pessoas vindas do Nordeste para Goiás.

Ao analisar dados da condição socioeconômica dos povos imigrantes residentes em Goiás, é possível perceber que os oriundos da região Nordeste possuem, de modo geral, condições de vida mais precárias do que os habitantes oriundos de Estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Quando analisados os índices de saneamento básico, verifica-se que quase 60% dos nordestinos residentes em território goiano utilizam fossas rudimentares em suas residências, enquanto apenas 25,8% possuem acesso à rede geral de esgoto, a menor taxa dentro do *ranking*.

Já em relação à rede geral de abastecimento de água, a diferença entre as regiões é consideravelmente menor, embora os nascidos no Nordeste ainda possuam o menor índice de acesso ao recurso, com 77,5%, contra 82,5% de pessoas oriunda da região Sul. Os povos vindos da Bahia contam com 76% dos moradores ligados à rede geral, número inferior à média de Goiás, de 78,9%. Já no quesito coleta de lixo, moradores nascidos na região Nordeste ficam com a segunda colocação no *ranking* de serviço coletado diretamente por serviço de limpeza pública.

Quanto ao nível de instrução, aproximadamente 61% dos nordestinos que moram em território goiano não possuem instrução ou têm apenas o ensino fundamental incompleto, enquanto apenas 3% conseguiram concluir um curso superior, segundo o estudo do IMB. Esse índice influencia diretamente na remuneração e, conseqüentemente, na qualidade de vida desses imigrantes. Em julho de 2010, enquanto a média salarial da população advinda da região Sul era cerca de R\$ 2.600,00, a média dos nordestinos era de aproximadamente R\$ 1.000,00.

Algumas cidades goianas recebem maior fluxo de imigrantes advindos do Nordeste brasileiro, como é o caso da capital Goiânia e de Senador Canedo, na região metropolitana. Esta última, segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, possuía 17.146 imigrantes nordestinos habitando a cidade, número menor apenas que o de quem nasceu na região Centro-Oeste. Isso significa que 20% da migração recebida por Senador Canedo veio da região Nordeste. Este cenário pode ser explicado, segundo Bernardo Alves Sousa Junior (2021), pela migração ocorrida a partir da década de 1970, quando nordestinos residentes em Goiânia passaram a se mudar para Aparecida de Goiânia e Senador Canedo em busca de moradias com preços mais acessíveis, devido ao processo de valorização das terras da capital.

1.7.1 TerêOxente

O município de Terezópolis de Goiás, localizado na Região Metropolitana de Goiânia, a 30 quilômetros da capital, é uma das cidades que mais concentrou imigrantes nordestinos. Apesar da cidade ter sido emancipada em 1992, a história da Terezópolis começou quase 100 anos antes. Conforme reportagem do programa *Histórias de Goiás*¹⁴, os primeiros a chegarem no município foram produtores rurais, que mais tarde doaram terras para a formação do primeiro loteamento.

Em depoimento para este trabalho, o ex-prefeito da cidade Francisco Alves relatou que a edificação de Brasília coincidiu com a construção da Rodovia BR-153, o que levou muitos operários que trabalharam na capital federal a

¹⁴ Programa exibido pela TV Brasil de Norte a Sul. Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43dqGhrdtwA>.

buscarem residência em Terezópolis, já que o custo de vida era mais barato, se comparado com Goiânia. Logo iniciaram a instalação dos primeiros comércios na rodovia.

Os avós maternos de Francisco vieram da Bahia e os paternos eram originários da Paraíba. O avô de Francisco, Aureliano Alves Cardoso, foi um dos pioneiros da cidade e responsável pela construção das primeiras bodegas no centro comercial. Ele também teve uma passagem política na cidade, quando atuou como vice-prefeito. Em outro momento, o pai de Francisco, Francisco de Souza Brito, se tornou prefeito do município e articulou junto a outras lideranças do Estado na emancipação de Terezópolis.

A cidade é conhecida por abrigar um centro comercial a céu aberto, às margens da Rodovia BR-153. No local podem ser encontrados diversos produtos alimentícios, principalmente da culinária nordestina como: tapioca, caldo de abóbora com carne de sol, buchada de bode, Joelho de gado com feijão branco, carneiro assado, vatapá, baião de dois, mugunzá, acarajé, sarapatel, entre outros. É nesse centro que se concentra grande parte da economia da cidade. De acordo com o ex-prefeito Francisco Alves, esses estabelecimentos são responsáveis pela maior quantidade de empregos gerados no município.

Em abril de 2017, para celebrar os 25 anos de emancipação da cidade, foi promovido o primeiro festival gastronômico nordestino *Terê, Oxente*. A festividade¹⁵ foi idealizada pelo então prefeito Francisco Alves (2013-2020), em referência à culinária regional e pela expressiva população composta por imigrantes nordestinos. Alves informou que o festival foi considerado pela Goiás Turismo como a maior festa gastronômica nordestina do Estado.

Ainda que o destaque do evento fosse a típica comida nordestina, a programação também contou com apresentações de dança de grupos folclóricos, literatura de cordel e música nos ritmos do xaxado, baião, maracatu e forró. Artesãos locais ficaram responsáveis pela criação das peças iconográficas que estiveram expostas e foram comercializadas em estande

¹⁵ Outra festividade com temática nordestina no Estado de Goiás é o Encontro de Nordestinos de Cidade Ocidental, que ocorre anualmente no município desde 2015. O evento conta com feira de comidas típicas de vários Estados do Nordeste, além de música regional, como forró, baião, xote e frevo (VENEZA, 2022).

exclusivo. O chapéu de Lampião¹⁶ foi a peça obrigatória do figurino da equipe que trabalhou no evento. As escolas se envolveram no trabalho para a produção do cordel e o material produzido pelos alunos foi exposto no estande destinado à exibição da arte.

Foram realizadas duas edições do festival, que tiveram o apoio do governo do Estado, entidades e comércios da região, além da comunidade local. De acordo com a organização, o público da segunda edição do evento foi de aproximadamente 30 mil pessoas. A organizadora do projeto *Terê, Oxente*, Sonea Stival, afirmou em depoimento para esta obra que, em 2020, a execução da 3ª edição do evento estava em andamento, porém, a pandemia de Covid-19 impediu que o festival ocorresse. Em 2021, outro prefeito assumiu a gestão e não deu sequência à festividade.

1.7.2 Dia Estadual do Nordeste

No dia 29 de outubro de 2020, o governador do Estado de Goiás, Ronaldo Caiado, sancionou a Lei nº 20.885, que institui o Dia Estadual do Nordeste. A data passou a ser comemorada anualmente em 8 de outubro e foi incluída no Calendário de Eventos Cívicos do Estado.

De acordo com publicação oficial da Casa Civil de Goiás, o governador do Estado Ronaldo Caiado prestou homenagem aos imigrantes do Nordeste durante o 5º Encontro de Nordestinos de Cidade Ocidental, realizado em 2021:

Goiás é extremamente receptivo. Temos que enaltecer os nordestinos que caminharam para o nosso Estado. Nós convivemos bem, apreciamos a música nordestina e a cultura, sabemos da tradição, determinação e garra de um povo que sobrevive e que luta diante de tantas dificuldades.¹⁷

¹⁶ Líder cangaceiro que atuou na região do sertão nordestino entre 1922 e 1938. Por parte das autoridades, Lampião simbolizava a violência. Para uma parte da população sertaneja, ele encarnou valores como o heroísmo e a bravura pelos menos favorecidos.

¹⁷ Disponível em: <https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9171-dia-estadual-do-nordestino-%C3%A9-criado-em-goi%C3%A1s.html>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

A data escolhida é uma homenagem ao poeta popular, compositor e cantor cearense Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (1909 - 2002), e ao poeta maranhense Catulo da Paixão Cearense (1863 - 1946). Catulo é apontado por muitos como um dos mais produtivos compositores da música nacional, autor de *Luar do Sertão*, cantada por Luiz Gonzaga.

2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

Entre estudiosos sobre o tema não há um consenso quanto à definição de documentários. Seu surgimento remonta aos primeiros atos cinematográficos realizados pelos irmãos Lumière no ano de 1895. Nessa época, como menciona Luiz Carlos Lucena¹⁸ (2012), os irmãos empresários e cineastas registraram com uma câmera o momento de saída dos funcionários da fábrica da família e expuseram o filme, chamado *A saída da fábrica*, no que seria a primeira sessão de cinema do mundo. Nesse aspecto de representar cenas do cotidiano, Bill Nichols (2010), importante expoente do documentário no mundo e professor de Cinema na *San Francisco State*, define que “documentário não é uma reprodução da realidade, mas sim uma representação do mundo em que vivemos” (p. 47).

Na década de 1920, o cineasta norte-americano Robert Flaherty foi o responsável, através do filme *Nanook, o esquimó* (1922), por dar forma à linguagem cinematográfica tal qual é conhecida na atualidade. A obra, que retrata uma comunidade de esquimós canadenses, foi considerada como o primeiro filme de não ficção (LUCENA, 2012). O produtor e documentarista John Grierson, ao fazer uma crítica ao filme em fevereiro de 1926, utilizou pela primeira vez o termo “‘documentário’, inspirado na palavra francesa *documentaire*, que denominava os filmes de viagem” (LUCENA, 2012, p. 10).

Os filmes de Flaherty redefiniram essa visão inicial acerca dos dois tipos de cinema: o documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos da ação’ (LUCENA, 2012, p. 11).

Para Nichols (2010), o documentário se difere de maneira significativa dos vários tipos de ficção, com diferentes objetivos e expectativas geradas no público, não podendo ser reduzido a um verbete de dicionário. Em contrapartida,

¹⁸ Documentarista, roteirista, jornalista e professor de audiovisual na Universidade Estácio - SP.

Rebaça e Barbosa, no Dicionário da Comunicação, “definem documentário como um filme baseado em situações verídicas” (APUD, PEREIRA, 2009, p. 01).

O filme documentário não possui uma fórmula pré-estabelecida e pode variar com o tempo. Segundo Nichols (2010, p. 49), “podemos compreender melhor como definir o documentário abordando-o de quatro ângulos diferentes: o das instituições, o dos profissionais, o dos textos e o do público”. Com isso, o autor afirma que os documentários podem ser definidos como “aquilo que fazem as organizações e instituições que os produzem” (NICHOLS, 2010, p. 49), ou seja, se uma emissora categoriza um produto como documentário, ele chegará rotulado ao público desta forma.

Outra forma de definir documentário é analisando o período em que foi produzido. Nichols destaca que durante a década de 1930, grande parte da obra documental possuía a característica de jornal cinematográfico, enquanto “os anos 60 assistiram à introdução das câmeras portáteis leves com som direto” (2010, p. 61) que possibilitou uma mobilidade maior aos cineastas, que passaram a acompanhar o cotidiano dos personagens. Já na década de 1970, o documentário passou a usar técnicas antigas, utilizando imagens de arquivo com a intenção de alterar a forma de representação de acontecimentos passados ou de acontecimentos que influenciassem no presente (NICHOLS, 2010).

Fernão Pessoa Ramos descreve o documentário como uma narrativa “composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala [...], para as quais olhamos [...] em busca de asserções sobre o mundo [...]” (APUD, LUCENA, 2012, p. 16).

Por fim, Lucena (2012, p. 16) define documentário como sendo “a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador”, de modo que envolva informações acerca de algum assunto, ambientações o mais próximas possíveis da realidade e personagens que contem a história por si mesmos (LUCENA, 2012).

2.1 DOCUMENTÁRIO E FICÇÃO

Segundo Bill Nichols (2010), todo filme é um documentário, já que, independentemente de ser ficção ou não, todo produto cinematográfico tem a

capacidade de mostrar a cultura que o produziu e o cerca, além de reproduzir alguns aspectos das pessoas que fazem parte do filme. Partindo do entendimento leigo de que documentário é a representação de alguma situação cotidiana, ou da vida de alguém, com seus costumes, culturas e expressões, até mesmo as ficções podem se enquadrar, em menor grau, como documentário. Para Nichols (2010, p. 26), “existem dois tipos de filme: documentários de satisfação de desejos e documentários de representação social”, cada um com uma forma de narrativa.

Os documentários de satisfação de desejos são os que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concretos – visíveis e audíveis – os frutos da imaginação. Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas (NICHOLS, 2010, p. 26)

Já “os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção” (NICHOLS, 2010, p. 26). Para o autor, eles são capazes de transmitir uma realidade social, expressando pontos de vista da vida real, de acordo com o olhar do cineasta. Entretanto, Nichols (2010) faz uma ressalva:

Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2010, p. 27).

Assistir um filme requer interpretar suas histórias, seus personagens e a mensagem que ele quer passar ao público. Isso é necessário para uma melhor

assimilação do conteúdo, além de possibilitar a decisão de acreditar ou não naquele enredo, seja ele de ficção ou não ficção. Para Nichols (2010) a confirmação ou a mudança de pensamento depende de como o público reage a esses significados e valores.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros. A ficção talvez se contente em suspender a incredulidade (aceitar o mundo do filme como plausível), mas a não ficção com frequência quer instilar crença (aceitar o mundo do filme como real) (NICHOLS, 2010, p. 27).

Na mesma obra, Bill Nichols afirma que “o documentário engaja-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras” (2010, p. 28): pelo retrato do mundo da forma tal qual a sociedade conhece, documentando lugares, pessoas, histórias e coisas reais, as quais podem ser identificadas no cotidiano; pela representação de interesses de outros, podendo ser do público, dos personagens do documentário ou até mesmo da instituição que está patrocinando o filme; e por colocar “diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas [...] para conquistar consentimento ou influenciar opiniões” (NICHOLS, 2010, p. 30).

Diferentemente de um filme de ficção, onde atores são contratados para encenar roteiros e são pagos para isso, realizando performances que vão ao encontro com as ideias do diretor, nos documentários as pessoas que aparecem na tela não estão atuando, mas sim vivenciando sua realidade. São os chamados atores sociais. Nichols (2010) define:

No caso da não ficção [...], as “pessoas” são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste [...] no que a própria vida dessas pessoas incorpora. Seu valor reside [...] nas formas pelas quais comportamento e personalidade habituais servem às necessidades do cineasta (NICHOLS, 2010, p. 31).

Segundo Sérgio José Puccini, autor e professor de Cinema e Audiovisual, a consolidação da indústria cinematográfica se dá justamente pela consolidação do filme de ficção:

É em torno da planificação do filme de ficção que o roteiro de cinema estabelece seus critérios de escrita, tornando-se a pedra fundamental da produção do filme industrial. A estreita relação entre roteiro de cinema e filme de ficção nasce já na própria origem dessa escrita dramática e irá orientar a concepção da esmagadora maioria dos manuais de roteiro publicados até os dias de hoje (PUCCINI, 2007, p. 18).

Nesse cenário de roteirização que uma parte significativa da tradição de documentários se guiou durante muito tempo, especialmente durante as décadas de 1920 a 1950, com o estilo que ficou conhecido como documentário clássico (PUCCINI, 2007).

Com a ruptura desse modelo de documentário, no fim da década de 1950, e com o avanço do documentário verdade, encabeçado pelo francês Jean Rouch, e do documentário direto americano, liderado pelo produtor Robert Drew, o modo de produção documental se modifica. Há uma busca pela captação real da imagem, sem a necessidade de se seguir um roteiro. Isso possibilita que o documentário seja gravado de maneira espontânea, sem amarras ou formalidades técnicas (PUCCINI, 2007).

O filme agora será resultado de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado. A regra é jogar com o imprevisto e o improvisado da filmagem, o que valoriza sobremaneira o papel do cinegrafista na construção do documentário. Esse estilo de filmagem e produção não tardará a influenciar o cinema de ficção (PUCCINI, 2007, p. 19).

Por fim, Puccini explica que “se no filme de ficção o controle do universo de representação está, desde saída, todo à mão dos responsáveis pela concepção do filme[...], em documentário esse controle é uma aquisição gradual” (PUCCINI, 2007, p. 21) que parte da busca direta do cineasta. Sendo assim, o

diretor só terá controle total do universo de representação do filme no momento da montagem do documentário (PUCCINI, 2007).

2.2 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO

Quando são discutidas as questões éticas que fazem parte do documentário, em que relaciona tanto a ligação entre quem filma e quem é filmado, quanto também a relação com o espectador, são apontadas as possibilidades e as dificuldades da representação do outro.

Nichols (2010) discute os motivos pelos quais a ética é fundamental para o cinema documentário. Como abordado anteriormente, o professor estabelece as semelhanças e diferenças entre o cinema de ficção e o não ficcional. Para ele, todo filme é um documentário, até mesmo de ficção. Na obra ele também retrata que a produção cinematográfica é capaz de registrar situações e acontecimentos com fidelidade e, por isso, os documentaristas podem representar o mundo.

Desse modo, mais do que representar pessoas e situações, o documentário pode atuar de forma ativa e intencional na formação de opinião sobre o assunto abordado. A partir desse conceito de representação no documentário que surgem as questões éticas.

Nos documentários, o valor dos atores sociais para a produção cinematográfica está em sua própria vida. Isso remete a outra questão, também pensada por Nichols (2010, p. 32): “que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?”. Para ele, os cineastas correm o risco de explorar as pessoas, justamente pela intenção de representá-las sem que o público as conheça anteriormente, e as usa como exemplo a respeito de um conhecimento específico de um problema ou assunto de interesse.

Já os cineastas que escolhem trabalhar com pessoas conhecidas, para Nichols, enfrentam a tarefa de representar de maneira responsável os pontos comuns, “mesmo que isso signifique sacrificar a própria opinião em favor da dos outros” (2010, p. 36).

O autor também afirma que os produtores de cinema que escolhem observar os outros, sem intervir em suas atividades, têm a chance de modificar

comportamentos e acontecimentos e de serem questionados sobre sua própria sensibilidade.

Em resumo, os participantes de um documentário, sejam atores ficcionais ou sociais, devem estar cientes das possíveis consequências de sua participação, ao que Nichols (2010) defende como o princípio do “consentimento informado”. A exemplo disso, é comparado pelo escritor a participação em testes de uma nova droga, onde o profissional de saúde deve informar o candidato dos possíveis efeitos colaterais do experimento, pois, já que ao não fazer, estaria violando a ética médica.

2.3 DOCUMENTÁRIO E CULTURA

Apesar do termo ser muito utilizado, não é simples definir cultura, uma vez que é um mecanismo amplo, multidisciplinar, estudado em ciências como a Sociologia, Antropologia, História, Comunicação, entre outras. Como aborda Canedo¹⁹ (2009) em sua pesquisa sobre o conceito de cultura, a expressão é usada em outros conjuntos de palavras que, quando unidas, significam espírito, tradição e ideologia. Nesse contexto, a cultura interpreta a sociedade humana a partir de sua produção, como um conjunto de hábitos, crenças, valores, linguagem e história. Segundo Canedo (2009), até o século XVI, o termo era voltado ao cuidado (cultivo) de animais e evolução das colheitas. Somente nos séculos XVIII e XIX é que foi consolidado o uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos.

Nas obras documentais, Nichols (2010) aponta que os personagens envolvidos nos filmes levam a vida mais ou menos da mesma maneira como atores culturais, e não como artistas teatrais. Nesse sentido, o valor destes personagens está em demonstrar sua cultura. O documentário passa a ser a voz e imagem daquele povo, pessoas e seguimentos, mostrando seus valores e especificidades sob o olhar do cineasta, que muitas vezes pretende chamar a atenção para algum aspecto.

¹⁹ Produtora, gestora cultural e professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da UFRB.

A doutora em Ciências da Comunicação Ana Carolina Escosteguy (2010), conceituada quando se trata de Estudos Culturais no país, contextualiza em seu livro a afirmação de John Storey, professor de Estudos Culturais da Universidade de Sunderland, do Reino Unido, sobre a importância da documentação de fatos culturais para reconstruir comportamentos.

Escosteguy (2010) apresenta em sua obra os conceitos dos Estudos Culturais e cita a formação ideológica do grupo de pesquisadores que fundou esse campo de pesquisa a partir da visão de Storey. O pesquisador britânico avalia que as obras documentais são capazes de reproduzir e assim restaurar os hábitos e costumes de diferentes grupos através da cultura de uma sociedade:

É possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade (STOREY; APUD, ESCOSTEGUY, 2010, p. 31).

O documentário *Antes que me esqueçam: A cena cultural do Caparaó Capixaba*²⁰, dirigido por Thiago Cleiton Silva Soares e Lucas de Almeida Moço Fioreze, dá luz, por exemplo, a grupos culturais da região do Caparaó, no Sul do Espírito Santo. A obra passa a ser um registro da luta pela sobrevivência desses grupos daquela região que foram quase extintos durante a pandemia de Covid-19, já que a área é usada como ponto turístico no Brasil e sofreu com a falta de visitantes durante a quarentena.

Os membros dos 11 grupos culturais de 11 municípios da região relatam o medo do esquecimento e a perda de suas manifestações artísticas, culturais e de fé, transmitidas de geração em geração. A obra retrata os desafios de se manter a cultura popular diante dos impactos da pandemia em suas atividades.

Na mesma linha, Nichols (2010) exemplifica o empenho de povos indígenas em fazer produções audiovisuais sobre a própria cultura na intenção de influenciar a administração pública em defesa de políticas a favor da proteção de suas terras. No entanto, apesar do efeito de causar empatia no público que

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TPZKFlw-tB8>.

assiste a um documentário, que passa a enxergar causas e vivências nunca experienciadas, o autor aponta que a produção pode causar também efeito de estranheza.

As práticas dos membros de uma cultura podem parecer bizarras e “antinaturais” para espectadores de uma cultura diferente. Algumas sensações falam mais do entendimento do público a respeito da conduta adequada, controle do corpo e cenas de sangue do que a respeito das práticas da outra cultura. Dar a esses filmes um enquadramento etnográfico, que chame atenção para as questões maiores da interpretação intercultural e do preconceito cultural, estimula o foco na história contada pelo filme e não na história que talvez estejamos inclinados a projetar nela. (NICHOLS, 2010, p. 96)

Apesar disso, para Nichols (2010), os documentários devem trabalhar para extrair de seus atores sociais (ou culturais) as histórias que trazem a finalidade de estabelecer ligação cultural com o público, e não repulsa.

2.4 RELAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

Toda tentativa de se distinguir as diferenças entre documentário e jornalismo irá esbarrar nas características em comum. Aspectos como a contação de uma história real, o modo de abordagem, a necessidade de fatos documentais (imagens, vídeos, áudios, textos), a utilização de personagens e o debate por questões sociais são a essência tanto da produção de um documentário quanto também de uma grande reportagem.

No entanto, se encarados os padrões jornalísticos, depara-se com algumas diferenças, como por exemplo, o público, a mídia e a forma como se expressa. O jornalismo busca uma transmissão de informações de forma objetiva, concreta e sucinta, capaz de resumir em um parágrafo (*lead*) tudo o que há de mais importante no fato.

Já o documentário não tem compromisso total com a forma direta de se contar um fato. Ele usa de artifícios de narração, sujeitos à subjetividade de quem o realiza. Para Grierson, ao definir a produção de um filme documental, "o

documentário é o tratamento criativo da realidade" (APUD, PEREIRA, 2015, p. 02).

Apesar do jornalismo estabelecer que toda informação deve ser transmitida de maneira imparcial, sem interferências políticas, ideológicas ou emocionais, Pereira²¹ (2015) destaca que a mídia não consegue passar à sua audiência uma informação completa. Isso ocorre porque os seus realizadores utilizam de um viés, uma espécie de filtro, que recortará a informação, onde ela pode ser tratada e polida de forma diferente. De acordo com a autora, "tanto para documentário quanto para a reportagem, o real trata-se de uma pretensão" (PEREIRA, 2015, p. 05).

Diferente do jornalismo, o documentário, por não estar preso a um *deadline*, não precisa ser imediato e, por isso, tem mais tempo para construir e contar a história. Também não está na sua ética a necessidade de ouvir os dois lados e pode ser parcial.

O linguista francês, especialista em Análise do Discurso, Patrick Charaudeau (2013) foi ainda mais além, quando disse que o jornalista sempre estará numa posição conflituosa, entre o que o formou - levando em conta sua criação, educação e vivências - e a explicação dos acontecimentos. O autor defende que, além da informação também estar sujeita à subjetividade, como é o documentário, o fato nunca será tratado em sua forma bruta, uma vez que os "acontecimentos que se produzem no mundo são em número bem superior ao dos acontecimentos tratados" (CHARAUDEAU, 2013, p. 133).

Mesmo que o jornalismo e o documentário tenham essa relação dialética entre semelhanças e discrepâncias, cada um utiliza os saberes e técnicas um do outro em suas produções, afinal são produtos audiovisuais. Lins²² (APUD BEZERRA, 2014), exemplifica a parceria a partir da prática do cineasta João Salles²³, que aposta sempre no apoio de jornalistas para realizar suas produções cinematográficas. A pesquisadora também comentou que Salles é entusiasta do

²¹ Mestre em Preservação do Patrimônio Audiovisual pela Escola de Belas Artes – UFMG e Especialista em Jornalismo Cinematográfico.

²² Doutora em Cinema e Audiovisual na Universidade de Paris 3 e professora da Escola de Comunicação da UFRJ.

²³ Documentarista, produtor de cinema brasileiro e fundador da Revista Piauí; diretor do documentário *Entreatos* (2004), que retrata os bastidores da campanha política de Luiz Inácio Lula da Silva durante as eleições em 2002. O filme exemplifica a parceria entre jornalismo e documentário.

chamado cinema direto americano, movimento que inicialmente surgiu ligado ao jornalismo.

Ao ver produções como o documentário *A Verdadeira História do Roubo do Século*²⁴, dirigido por Matías Gueilburt, é possível analisar a junção dos aspectos do jornalismo e a estética do documentário. O diretor utiliza por diversas vezes a abordagem que a imprensa produziu em 2006, durante o assalto ao *Banco Río*, na Argentina, para trilhar e ilustrar os acontecimentos. Ali é possível perceber que um pode complementar o outro, já que o jornalismo trouxe dados do momento em que aconteceu e o documentário realizou o desdobramento. O produto cinematográfico contém entrevistas reveladoras sobre a famosa e arriscada operação, por meio dos relatos dos assaltantes e outros envolvidos. Para isso, utilizou-se de vários artifícios fictícios, como por exemplo um ateliê, que nunca existiu, na casa do líder da quadrilha, Fernando Araújo. O cenário serviu apenas para ilustrar uma das únicas falas do criminoso quando foi conduzido à prisão, em que ele explica que o roubo foi feito em favor da arte.

Portanto, mesmo que o documentário e o jornalismo utilizem uma narrativa para descrever qualquer história, com personagens e contextos, a existência de um fato sempre será objetiva para o jornalismo e subjetiva para o documentário. No entanto, apesar de diversas vezes ser considerado como retratos do real, aquele determinado acontecimento é uma realidade observada por um ponto de vista: o de quem a produz. Isso ocorre até para o jornalismo que, por mais que tente a imparcialidade, está condicionado ao olhar de quem reporta a informação, um ser de opiniões, experiências e paixões, acumuladas durante a vida, ou unicamente pelo viés do veículo em que trabalha.

2.5 CONSTRUÇÃO

A arte de fazer um documentário, assim como qualquer filme de ficção, envolve diferentes etapas, sejam elas de pesquisa, produção, edição ou finalização. Na obra *Como fazer um documentário*, de Luiz Carlos Lucena, é

²⁴ Produção disponível na Netflix.

retratado um passo a passo de como produzir um documentário, desde a elaboração da ideia, até sua finalização.

Seguindo a definição de que documentário não é uma reprodução da realidade, mas sim uma representação do mundo em que vivemos (NICHOLS, 2010), pode-se considerar que os temas retratados surgem, em grande parte, de situações cotidianas vivenciadas pelo documentarista. Portanto, a ideia inicial de um filme documental pode surgir na esquina de casa, no caminho para o trabalho, na reportagem do telejornal ou na confraternização da empresa. Não há uma regra que dite quais temas devem ser abordados, ou como devem ser retratados. Basta que o documentarista tenha vontade de retratar determinada situação ou personagem.

Escolher um tema é o primeiro passo na longa jornada da produção de um documentário. Esse é o momento de decidir o que será mostrado e de que forma, com qual justificativa, retratando quais personagens e em quais situações (LUCENA, 2012). Segundo o autor, após a obtenção dessas respostas:

Passamos a pensar no filme [...], a imaginar as cenas, imagens, fazer planos [...]. Então, definimos com mais precisão o nosso personagem ou o tema abordado, passamos a conviver visualmente com o ambiente onde queremos produzir nosso documentário e determinamos as linhas básicas da narrativa (LUCENA, 2012, p. 33).

Com a ideia definida, no segundo passo é necessário escolher um foco específico, determinando qual o objeto do documentário, como e em qual ambiente ele existe e com quem ele se relaciona. Para o autor, esse processo é a chamada fase de pesquisa. “A pesquisa permite uma definição ainda mais precisa do conceito por trás do nosso filme, do que realmente queremos mostrar” (LUCENA, 2012, p. 34).

Após esse processo de definição de tema e pesquisa, o documentarista entra na terceira etapa da construção de seu filme: a elaboração da sinopse e do argumento. Para Lucena, a sinopse tem como objetivo “mostrar claramente o que é o filme, de maneira que o avaliador possa ler o texto rapidamente e entender o seu filme” (2012, p. 36). Ou seja, trata-se de um resumo sobre o que

o documentário vai abordar. Para isso, “a sinopse deve ser objetiva, contendo duas ou três frases que definam o filme” (LUCENA, 2012, p. 36).

Com a sinopse concluída, o documentarista passa a elaborar o argumento, uma espécie de pré-roteiro, que direciona a produção do filme documentário. O argumento descreve como será o filme:

O argumento, seguindo sua função de mostrar como será o filme, deve apresentar uma breve descrição de seus personagens e/ou tema abordado, indicações de locação e ambiente, os tipos de imagem escolhidos, a forma narrativa (narração em off ou depoimentos diretos, por exemplo). Também deve conter informações sobre os eventos a serem filmados, onde serão filmados, as pessoas ou tipos de pessoas a serem filmados. Deve definir o *background* do filme – os tipos de depoimento, as tomadas de cobertura, as imagens ou ilustrações de arquivo que serão usadas (LUCENA, 2012, p. 37).

A quarta e última parte da construção do filme documentário é a elaboração de um roteiro. Para Lucena, trata-se de “um discurso verbal, escrito de forma que permita a pré-visualização do filme por parte do diretor, dos atores, dos técnicos e dos possíveis financiadores” (2012, p. 40). Em suma, o roteiro pode ser entendido como a estruturação do filme, seja ele ficcional ou documental, definindo a sequência a ser seguida durante as gravações com o intuito de manter o público sempre interessado no que está assistindo.

Diferentemente dos roteiros de ficção, os de documentários podem ser bastante amplos e maleáveis, já que a essência documental é retratar o cotidiano sem amarras, atuações ou limitações de conteúdo. Sendo assim, o roteiro nesse tipo de filme serve como uma linha de raciocínio a ser seguida pelo documentarista, mas que pode tomar outros rumos a qualquer momento, a medida em que as filmagens vão acontecendo.

Para a elaboração de um bom roteiro, ele deve seguir uma estrutura básica: no começo, deve ser apresentado o tema norteador do documentário, a fim de criar uma expectativa no público que o instigue a assistir ao restante da obra (LUCENA, 2012). No meio do roteiro, devem ser abordados os desdobramentos da história e dos personagens, para que o público continue interessado querendo acompanhar a narrativa (LUCENA, 2012). É necessário

que a história seja envolvente, dinâmica e fluida, para não gerar desinteresse. Já na parte final do roteiro, Lucena afirma que “devem ser mostrados os resultados de tudo que foi apresentado, com destaque para o modo como os elementos do conflito foram tratados e para o que podem deixar de significativo” (2012, p. 41). Passadas essas fases, a ideia norteadora do documentário está definida.

2.5.1 Produção

Finalizada a fase de definição do tema e de pesquisa, o documentarista e sua equipe partem para a etapa de produção. Nesse momento são definidos personagens, perguntas para os entrevistados, locações, equipamentos a serem utilizados, entre outras variáveis.

O primeiro passo para começar a produzir o documentário é preparar o que será usado durante as filmagens. É necessário testar previamente e levar equipamentos de filmagem (câmera), captação de áudio (microfone lapela, direcional), iluminação (refletor) e de energia (baterias, pilhas, fontes). É preciso programar os gastos com locomoção, viagens, alimentação, hospedagem, aluguel de equipamentos e edição. Se for utilizar um local específico, é preciso verificar a disponibilidade de reserva, se há algum custo e as exigências para utilização. Em caso de entrevistas, a equipe deve marcar local e horário com os personagens, além de determinar a duração da entrevista, preparar as perguntas e levar um termo de cessão de direitos de imagem para ser assinado por cada entrevistado.

Sendo “a entrevista a principal ferramenta para aproximação do personagem” (LUCENA, 2012, p. 58), o diretor da obra deve tomar uma série de decisões para que esta flua da melhor forma possível, tanto para o entrevistado, quanto para o bom andamento do filme. Para o autor, o ideal é que haja uma pesquisa prévia para conduzir a entrevista, devendo haver uma delimitação de campo, mas de forma que não fique uma conversa engessada durante a gravação. Para isso, o autor estadunidense Alan Rosenthal afirma que é necessário que haja uma pré-entrevista com os personagens que irão compor o documentário: “é vital que alguém se encontre com os entrevistados e fale da natureza da entrevista e sobre a maneira que a filmagem será conduzida”

(*APUD*, WAINER, 2014, p. 52). Lucena corrobora com a ideia afirmando que o entrevistado, caso tenha conhecimento das perguntas antes, “provavelmente formulará suas respostas com antecedência. O melhor é que ele seja informado apenas sobre o tema, para que suas respostas sejam elaboradas na hora da gravação” (2012, p. 62).

O doutor em Comunicação e Semiótica Julio Wainer, em sua tese de doutorado intitulada *A entrevista no documentário*, faz a análise de que:

Perguntas previamente estabelecidas podem ser um bom exercício ao entrevistador para que ele tenha pelo menos alguns caminhos de abordagem do assunto que pretende investigar, pois servirão de aquecimento [...] à entrevista propriamente dita (WAINER, 2014, p. 66).

Já do ponto de vista do personagem entrevistado, Silvio Tendler²⁵ afirma que “grava muito, deixa o entrevistado falar porque ‘a entrevista realmente só acontece quando o entrevistado está tranquilo, dentro do assunto’” (*APUD*, LUCENA, 2012, p. 59). Em acordo com esta ideia está a percepção de Wainer:

Em outra direção, percebe-se cada vez mais a possibilidade de entrevistas sem perguntas prévias. Abrir a câmera, possuir um tema genérico mas colocá-lo com uma maior confiança no entrevistador e observar a simples necessidade de se expressar são estados de prontidão que, por si só, já podem trazer depoimentos extremamente interessantes (WAINER, 2014, p. 66).

Outro ponto que merece a atenção por parte de roteiristas é quanto ao posicionamento do entrevistado perante a câmera. Lucena (2012) explica que o plano médio, quando o entrevistado está compondo o quadro, é o mais utilizado em documentários. Para isso, é necessário que o personagem esteja ligeiramente deslocado para algum dos lados da imagem.

²⁵ Documentarista, professor, cineasta e historiador brasileiro; “um dos mais importantes realizadores de documentários históricos brasileiros” (LUCENA, 2012, p. 59).

Um erro comum relacionado ao uso do plano médio é posicionar o entrevistado sempre no meio do quadro, o que a princípio parece correto; no entanto, esse plano, por ser “quadrado”, faz que o entrevistado “brigue” com duas camadas de imagens laterais, que muitas vezes desviam a atenção do foco desejado, ou seja, a fala do personagem. O plano médio com ligeiro deslocamento da figura central para um dos lados é esteticamente mais interessante e destaca apenas duas camadas de imagem – a do entrevistado e a do fundo (LUCENA, 2012, p. 60).

Em relação ao direcionamento do olhar do personagem, os autores Lucena (2012) e Wainer (2014) concordam que o entrevistado deve responder olhando para quem lhe fez a pergunta, para que haja maior naturalidade e proximidade entre diretor, entrevistado e público. Wainer propõe que “o entrevistador deve ficar logo ao lado da câmera, fazendo-se com que o olhar do entrevistado ao entrevistador fique próximo ao ângulo do entrevistado para a câmera” (2014, p. 51).

O documentarista deve ter em mente, no processo de produção, que não basta, apenas, filmar os entrevistados durante a conversa. As imagens de cobertura são fundamentais para a construção do filme, pois elas podem aprofundar uma história, trazer à tona uma lembrança e/ou contradizer uma fala.

2.5.2 Gravação

Realizada a etapa de produção, é hora de a equipe começar a gravar o documentário, realizar as entrevistas com os personagens, fazer filmagens de cobertura. É o momento em que o projeto começa a sair do papel e tomar seus primeiros contornos palpáveis. Para Lucena, “nesse ponto começa a etapa mais importante do trabalho, pois a obtenção de boas imagens, com qualidade técnica, é essencial para a produção de um bom filme” (2012, p. 63).

Lucena afirma que o planejamento, ou não, da captação das imagens depende do diretor e do tipo de documentário produzido. Mas, em suma, prefere, no caso de documentários atemporais, “não eliminar a possibilidade da surpresa, que pode trazer resultados interessantes” (LUCENA, 2012, p. 59). Isso se dá pelo fato de que podem surgir novas histórias no momento da gravação.

A mesma lógica se aplica à definição do *set* de filmagens: a equipe pode escolher um estúdio, onde há mais infraestrutura técnica para a gravação, mas o entrevistado pode não se sentir à vontade, ou optar por um ambiente familiar ao entrevistado, mas que não conte com as mesmas possibilidades técnicas (LUCENA, 2012). Nesse aspecto, Tandler afirma que faz as filmagens onde é possível (APUD, LUCENA, 2012, p. 60).

Tão importante quanto as imagens dos fatos e dos entrevistados são as imagens de cobertura e de fundo. No primeiro caso, o cinegrafista deve estar atento ao ambiente para conseguir localizar objetos, cenas ou pessoas que possam complementar uma história já contada, como uma foto, uma recordação ou uma reação de outra pessoa. Além disso, deve fazer imagens retratando o ambiente da entrevista e os movimentos do entrevistado, para facilitar no momento da edição do filme (WAINER, 2014). Já no caso da imagem de fundo, Wainer (2014, p. 118) afirma que “costuma ser um indicativo direto do universo do entrevistado e de sua inserção no mundo”. Durante as gravações, é comum que o fotógrafo do filme faça alterações no ambiente, de modo que os objetos que compõem a cena se casem com a imagem dos personagens.

Durante as entrevistas, o entrevistador deve manter-se fora do enquadramento da câmera, para que sua imagem não “concorra” com a de seu entrevistado. Em relação à sua voz, Lucena sugere que ela “surja quando o conhecimento da pergunta for importante para a compreensão da resposta” (2012, p. 61). Na mesma linha de raciocínio, o autor estadunidense Michael Rabiger acredita que o entrevistador deva aparecer o mínimo possível durante as filmagens (APUD, WAINER, 2014, p. 62). Já em relação às perguntas, Rosenthal ressalta: “não se preocupe muito com a ordem das suas questões [...] porque você vai editar tudo depois” (APUD, WAINER, 2014, p. 63). Por fim, o autor cita quatro cuidados que o diretor deve tomar no momento das entrevistas:

- 1) Mantenha-se distante de despejos verbais, que procuram mostrar erudição;
- 2) Formule a pergunta de modo simples, o que não significa simplista; [...]
- 3) Mantenha as questões abertas, e não direcionadas a uma resposta (“Você não concorda comigo que...” ou “Você não diria que...?”);
- 4) Evite interromper o entrevistado (APUD, WAINER, 2014, p. 65).

A equipe do documentário também deve preocupar-se com a estética que será apresentada no filme. Para isso, é fundamental escolher o melhor ângulo e enquadramento (estes serão abordados com mais aprofundamento adiante) para o entrevistado, bem como se atentar à iluminação do ambiente. Nesse sentido, o professor Carlos Ebert, fundador da ABC (Associação Brasileira de Cinematografia), apresenta importantes direcionamentos:

As pessoas não têm o rosto simétrico, e um lado costuma ser mais fotogênico (expressivo) que o outro. [...] Não são interessantes tomadas frontais, e nem qualquer tipo de simetria em relação à figura. Esta deve estar direcionada para o lado esquerdo ou direito da câmera, em escolha que leva em conta a luz incidente, o fundo da imagem e o “lado bom” em destaque (APUD, WAINER, 2014, p. 129).

Para obter imagens de qualidade, o cinegrafista deve conhecer bem seu equipamento, saber a melhor forma de manuseá-lo e entender as diferenças entre os vários tipos de planos e enquadramentos existentes na indústria cinematográfica. Lucena explica que os movimentos com a câmera devem ser firmes e suaves:

O ideal é segurar a câmera com firmeza e movimentá-la com calma e de forma suave. Com a câmera na mão, caminhe devagar, deixe a alça de apoio bem ajustada à sua mão e procure usar a mão livre para manter a câmera estável. Um bom truque é usar o tripé [...] que ajuda a manter o equilíbrio da câmera (LUCENA, 2012, p. 65).

Lucena define a combinação entre planos e enquadramentos como “a movimentação que faz que a imagem ganhe vida na tela, deixa de ser apenas o registro de uma situação e adquira características criativas e artísticas” (2012, p. 71). Nesse sentido, o autor pontua quatro relações possíveis entre o movimento da câmera e o que se filma:

1. A câmera e o objeto filmado estão imóveis; 2. A câmera está imóvel e o objeto em movimento, como ocorre na

maioria dos filmes; 3. Tanto a câmera como o objeto filmado se movem, sendo esses movimentos coordenados; 4. A relação mais enigmática e poética: o objeto não se move, mas a câmera sim, de várias maneiras (LUCENA, 2012, p. 71).

Ainda em sua obra, Lucena pontua que “os movimentos transmitem emoções, comunicam ideias [...] e constituem uma forma de narrativa expressiva que provoca inúmeras reações e sensações” (2012, p. 72). Na linguagem cinematográfica, Lucena (2012) cita três movimentos como os mais utilizados durante as gravações: a panorâmica, o *travelling* e o *zoom*. No primeiro, que é o modo mais utilizado no cinema, a câmera se move em torno de seu próprio eixo, com o objetivo de retratar todo o ambiente de gravação. No segundo, o equipamento se move sobre um suporte móvel “num eixo horizontal e paralelo ao movimento do objeto a ser filmado” (LUCENA, 2012, p. 73). Já no *zoom*, o que se movimenta são as lentes da câmera, que aproximam ou afastam a imagem, enquanto o equipamento se mantém fixo (LUCENA, 2012).

A tentação de usar o *zoom* deve ser controlada, para que esse recurso seja utilizado o mínimo possível – apenas nos casos em que a linguagem adotada peça aproximação ou distanciamento do objeto ou personagem.

[..] O *zoom* em excesso ou inadequado pode tornar a produção confusa e vertiginosa. Quando for usar esse recurso, procure ajustá-lo antes de começar a filmar. Nunca mexa no *zoom* durante um movimento de câmera – o resultado será horrível (LUCENA, 2012, p. 65).

Em complemento aos movimentos de câmera, existem os planos de filmagem, que auxiliam o cinegrafista durante as gravações. A utilização de cada tipo de plano durante as filmagens deve ser definida de acordo com o que será retratado e por quanto tempo será mostrado na tela (LUCENA, 2012). O plano geral (PG) é o mais comumente usado na indústria cinematográfica, podendo retratar uma situação ou ação com muita carga informativa, de modo que a filmagem mostre grande parte do ambiente e dos personagens. Em contrapartida, o plano aberto (PA) retrata situações mais específicas, mostrando apenas o objeto ou personagem central da gravação (LUCENA, 2012).

O plano médio (PM), que retrata o personagem da cintura para cima, é utilizado, principalmente, para cenas em que ocorrem diálogos entre duas ou mais pessoas (LUCENA, 2012). Existe ainda o plano americano (PAm) que faz o recorte da imagem da pessoa do joelho para cima. Por fim, existem os planos mais fechados, chamados *close*, “em que apenas o rosto do personagem aparece” (LUCENA, 2012, p. 74), e *big close*, onde são mostrados detalhes do rosto do entrevistado, como boca ou olhos. Eles são utilizados para destacar emoções e expressões dos personagens.

No caso de filmagens utilizando planos mais fechados, Ebert explica que o cinegrafista deve enquadrar o topo dos ombros e toda a cabeça do personagem, deixando-o no centro do enquadramento (APUD, WAINER, p. 133). Na mesma linha, Lucena faz a observação de que:

Não existem regras absolutas que determinem os melhores planos e enquadramentos para a filmagem de cada ação. No entanto, ao escolher um ângulo e fazer uma tomada, você precisa pensar no envolvimento do espectador com a ação filmada. Além disso, a seleção dos ângulos deve levar em conta a formação de uma sequência lógica, antecipando o processo de montagem (LUCENA, 2012, p. 75).

Por fim, mas tão importante quanto os outros temas, está a questão da iluminação durante as filmagens. Lucena (2012) apresenta alguns truques que podem ajudar a equipe de filmagem no caso de não estarem em um estúdio e não possuírem recursos específicos de iluminação. O primeiro passo, caso esteja em um ambiente fechado, é acender a luz e abrir janelas, de modo que dê para posicionar pessoas e/ou objetos próximos a essas fontes de iluminação. Para uma melhor estética na hora da gravação, é essencial que a luz incida lateralmente ou diretamente sobre o que será filmado, sem formar sombras (LUCENA, 2012). Em consonância com isso, outro truque importante é nunca posicionar personagens e objetos diretamente a favor da luz solar, o que geraria desconforto ao entrevistado; e contra a fonte de luz, o que causaria o aparecimento de silhuetas (LUCENA, 2012). O autor define a melhor técnica de posicionamento em relação à luz: “o ideal é deixar que o personagem fique num

ângulo de 45° em relação à fonte de luz, para que se obtenha um efeito mais suave e agradável, com certo desenho de imagem” (LUCENA, 2012, p. 66).

2.5.3 Edição

A evolução tecnológica mudou a maneira como são montadas as produções cinematográficas. Câmeras simples possuem a capacidade de gerar arquivos de boa qualidade que podem ser inseridos em *softwares* e aplicativos digitais. O formato virtual abriu um leque de possibilidades que permite à criatividade agir livremente em dispositivos cada vez mais democráticos como os *smartphones*. Lucena (2012) indica que as mudanças tecnológicas ainda estão um passo à frente, quando descreve a era da “computação em nuvem” em sua obra. Nesse espaço, a edição pode ser feita de forma online e gratuita, sem a necessidade de se instalar *softwares* em algum dispositivo.

O autor orienta que no momento da edição é importante que se identifique os arquivos (ou fitas) para não confundir os trabalhos. Ele indica que sejam criadas diversas pastas para classificar o que foi produzido. Elas podem ser separadas como uma pasta para o material bruto, outra para o projeto, e por último a que armazenará o que for sendo exportado. Antes que se comece a editar, Lucena (2012) indica que é preciso rever todas as imagens, pois é o momento em que a mente do produtor já começa a ter uma noção do que será editado.

É recomendado, na obra de Lucena (2012), que se faça a minutagem completa do material, momento em que o produtor registrará o tempo (*timecode*) de entrada e saída de todas as cenas importantes para que ele possa, posteriormente, identificá-las. Outro conselho é montar o esqueleto do documentário, onde serão inseridos os pontos importantes em uma sequência linear. Assim, o cineasta pode ter uma noção geral de como ficará a produção documental. Após todas essas etapas, o filme documental estará finalizado.

O diretor deve ter em mente que a forma como as entrevistas são conduzidas, as imagens captadas e a edição realizada impactam diretamente na percepção e aceitação do público para com a obra. O resultado de um documentário, seja para informar, trazer reflexão ou até mesmo emocionar, depende da forma como será construído.

3 DIÁRIO DE BORDO

Este capítulo tem como objetivo sintetizar a trajetória dos estudantes durante a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, apresentando os desafios e dificuldades enfrentados na escrita deste trabalho teórico e na produção do documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas**. Este projeto foi dividido em dois momentos: no Trabalho de Conclusão de Curso I foi escrita a parte teórica, utilizando-se de pesquisas e referenciais bibliográficos sobre o tema. No Trabalho de Conclusão de Curso II aconteceram as filmagens, decupagem e edição do filme documentário, bem como a finalização do trabalho teórico.

3.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Em 19 de agosto de 2022 iniciamos nossa primeira orientação de TCC com o professor Enzo de Lisita. Nessa ocasião, pudemos explicar melhor qual a nossa ideia de documentário para o Trabalho de Conclusão de Curso e a forma como pensamos, previamente, em realizar o produto. Essa primeira orientação serviu para debater as ideias, traçar uma linha de raciocínio e escolher o enfoque de nosso filme, além de preparar o cronograma para o semestre e definir os capítulos de nosso trabalho escrito.

Passadas as definições iniciais, começamos a realmente escrever nosso trabalho teórico, abordando a definição e história do gênero documental, sua relação com a ficção, jornalismo e cultura, como produzir eticamente um filme e o modo de sua construção, com foco nas etapas de produção, gravação e edição. Apesar de o enfoque da pesquisa ser voltado à fundamentação teórica do trabalho, buscamos, desde o início, os possíveis personagens para o documentário. Além disso, foram realizadas buscas em outras produções de Goiás que possuem a temática nordestina.

Na segunda etapa de desenvolvimento do TCC 1, de outubro até o início de dezembro de 2022, começamos a construção do capítulo 1 de nosso TCC. Nesse momento, abordamos com especificidade a questão dos nordestinos, tema central do documentário. Foram abordados aspectos históricos do surgimento da região Nordeste do país, a geografia, economia e cultura

nordestina, sintetizando, de forma geral, as informações relativas à cada Estado da região. Para isso, foram utilizados dados governamentais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de trabalhos acadêmicos. Por serem dados relativos a nove Estados, tivemos alguns desafios em apurar e sintetizar todas as informações encontradas.

Após isso, nos desdobramos em busca de dados a respeito da migração nordestina de forma geral. Depois, afunilamos os registros para a região Centro-Oeste do país e, posteriormente, para Goiás, por meio de pesquisas de institutos, artigos científicos e fontes primárias. Nesse percurso, foram captadas informações de municípios goianos da Região Metropolitana de Goiânia que possuem maior proximidade com a região Nordeste, seja em quantidade de imigrantes, seja com questões culturais, como Terezópolis de Goiás e Senador Canedo, além da própria capital.

Apesar de já termos passado por disciplinas de pesquisa durante nossa jornada acadêmica, tivemos algumas dificuldades no começo da escrita, principalmente quanto à forma de encadear ideias de outros autores e como citá-los em nosso trabalho sem plagiar. Como estudantes, tanto na escola quanto na universidade, aprendemos desde cedo que não devemos utilizar ou parafrasear ideias de outras pessoas em nossos trabalhos. Na escrita acadêmica, no entanto, temos a missão de reescrever as ideias com nossas próprias palavras, sempre dando os devidos créditos. Além disso, há toda uma estrutura própria do texto acadêmico cheia de regras que, apesar da dificuldade, conseguimos superar.

Devido aos estágios e as aulas de manhã e à noite, nos deparamos com um prazo apertado para a pesquisa e escrita do trabalho. Rodrigo Melo trabalhava em dois veículos jornalísticos, estudava à noite e conciliava algumas aulas no período da manhã, além da orientação de TCC. Eduardo Bernardo também fazia estágio, estudava de manhã e precisava ir à universidade durante a noite para duas aulas na semana. Apesar dos obstáculos enfrentados ao longo do semestre, que envolviam as demandas da universidade e dos estágios, além de problemas pessoais como viagens inesperadas para resolução de problemas, acidente com carro, problemas de saúde, crises de ansiedade e falecimento na família, todos eles foram superados pela dupla.

Ao final de cada capítulo, dedicamos algumas semanas à revisão do texto, referências e formatação de acordo com as normas da ABNT. Outro desafio encontrado foi o de retirar informações do trabalho teórico sem prejudicar o conteúdo. No dia 14 de outubro, entregamos a primeira parte do TCC e recebemos o retorno do orientador, juntamente com a nossa nota 10 para o primeiro trimestre. Já no dia 11 de dezembro, entregamos os capítulos 1, 2 e 3 em sua totalidade, com pequenas ressalvas a serem corrigidas em 2023, como atualização de dados e fontes. Após retorno do orientador, recebemos nota 10 para nosso Trabalho de Conclusão de Curso 1.

3.2 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Em 15 de fevereiro de 2023 retomamos nossas orientações de TCC, ocasião em que começamos a planejar as gravações, definir datas, equipamentos, personagens e perguntas, além de definir os eixos norteadores do filme documentário. Nesse primeiro momento, fizemos contato com alguns personagens que já estavam definidos para poder marcar o dia das entrevistas, bem como buscamos mais nordestinos que morassem em Goiás e tivessem boas histórias para fazer parte do projeto.

No mês de março, realizamos as primeiras gravações na rodoviária de Goiânia com o intuito de filmar a movimentação de ônibus e pessoas vindas do Nordeste para Goiás, a fim de compor a estética do filme e retratar a migração no Estado. Na ocasião, foi encontrado um casal de nordestinos que mora na capital goiana há sete anos e que aceitou conceder uma breve entrevista ali mesmo. Posteriormente, este casal integrou a lista de personagens principais do documentário. Ainda na rodoviária, conseguimos localizar outra possível personagem, que nos contou sua história, mas se recusou a gravar uma entrevista.

No dia 11 de março, gravamos as primeiras entrevistas do filme com Francisco e Danillo Ramos, pai e filho proprietários do Piri Bar e Restaurante. As filmagens ocorreram no salão e na cozinha do restaurante, onde foi abordado um pouco da culinária nordestina. Neste primeiro dia, tivemos pequenos contratemplos com a captura do áudio dos entrevistados, como um problema técnico em um dos celulares, que nos fez perder uma entrevista, e a captação

de muito ruído no ambiente, que atrapalhou um pouco do entendimento das falas dos entrevistados. Entretanto, os problemas foram sanados durante a edição do documentário.

Nos meses de março e abril, realizamos novas entrevistas em Goiânia e Terezópolis de Goiás. Nesta última, tivemos o dia de gravações mais movimentado, tanto pela viagem realizada, quanto pela quantidade de personagens. Ao chegar na cidade, tínhamos apenas duas fontes definidas para a entrevista, Francisco de Souza Brito e Francisco Alves, pai e filho donos da lanchonete Bodega, um empreendimento com temática nordestina. Entretanto, enquanto fazíamos imagens da cidade, conseguimos localizar mais três personagens que aceitaram nos dar entrevistas

Percebendo a pouca quantidade de personagens femininas em nosso documentário, decidimos entrar em contato com Eliana Alves e Joacy da Silva, casal que nos concedeu uma breve entrevista na rodoviária e aceitou realizar uma nova gravação, desta vez em sua casa. Após essas filmagens, encerramos a etapa de personagens de nosso trabalho, ficando apenas a necessidade de gravas novas cenas de cobertura que tinham faltado. Ao longo desses meses, conhecemos muitas pessoas que poderiam servir como personagens em nosso projeto. Entretanto, a recusa de conceder uma entrevista, ou a falta de boas histórias, nos fez optar por outras fontes.

Os meses de abril e maio ficaram reservados para a etapa de edição e finalização de nosso documentário. À medida que as entrevistas iam sendo realizadas, fazíamos a decupagem e corte das falas para agilizar no momento de edição. Para esta etapa, montamos o roteiro do filme por algumas vezes, até chegarmos em um que fosse condizente com nossas ideias para o documentário e coubesse dentro do limite de 25 minutos do filme. Fizemos todo o processo de edição de imagens e áudios, criação de abertura, artes e finalização. A maior dificuldade encontrada nesta etapa foi o fato de termos que cortar um personagem do filme e retirar cenas e falas de outras fontes. Além disso, passamos o semestre em busca de um repentista que compusesse uma música para o documentário, mas sem sucesso. Nas últimas semanas de maio, Rodrigo compôs um repente, que foi cantado e tocado por um sanfoneiro.

3.3 PERFIL DOS PERSONAGENS

Eliana Alves da Silva e Joacy da Silva são um casal natural do Nordeste, que resolveu morar em Goiânia após seis meses de casados. Eliana nasceu em Valença, no Piauí e Joacy morava em Imperatriz, no Maranhão. Anos antes, Joacy havia contraído a doença de Leishmaniose e tratou a enfermidade no Hospital de Doenças Tropicais, em Goiânia. O tempo que ficou na capital o fez se apaixonar pela cidade e por isso convidou Eliana, logo que se casaram, para se mudarem. Atualmente, Eliana trabalha como passadeira de roupa, enquanto Joacy faz evangelismo nas ruas da Goiânia.

Francisco Ramos Mendes (Chico Piry) nasceu na cidade de Piripiri, no Piauí. Quando ainda jovem, ao perceber que a vida prosperava pouco no Nordeste, mudou-se para São Paulo. Pouco tempo depois, resolveu aceitar um convite do irmão e se mudar para Goiânia, onde abriram um bar. O estabelecimento vendia, além das bebidas, comidas típicas nordestinas. Atualmente, o bar se tornou referência, uma espécie de “refúgio” para os conterrâneos e nova casa para os goianos que pretendem experimentar uma comida diferente e gostosa. Quem tomou a frente do Piry Bar é o seu filho Danillo Ramos, chefe de cozinha e presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de Goiás (Abrasel). Ele busca sempre renovar o cardápio e ainda promover no bar festas típicas, com direito a muito forró e alegria.

Osivan de Souza Sá Teles nasceu em Formosa do Rio Preto, depois se mudou para Barreiras e por último residiu em Vanderlei, todas cidades da Bahia. Ainda quando jovem, se mudou para Goiânia em busca de melhoria. Porém, essa mudança foi atordoada, já que ele veio escondido dentro de um baú de um caminhão. Na capital de Goiás, encontrou seu primeiro trabalho em um domingo, tamanha era a vontade que desse certa sua nova trajetória. Na cidade, executou diversas funções como serviços gerais, segurança de escolta armada e motorista particular. Possui negócios ainda na cidade em que morava, mas fixou os pés em Goiânia, onde tem tamanha gratidão pelos goianos.

Francisco de Souza Brito (Galego) nasceu em Umbuzeiro, na Paraíba. Ainda adolescente, devido à escassez de chuva em sua terra, se mudou com a família para Goiânia. No entanto, a cidade grande não foi favorável para eles que tinham experiência com a produção rural. Logo se mudaram para cidade de Terezópolis de Goiás, Região Metropolitana de Goiânia. Por lá, abriram uma

bodega onde vendem comidas típicas, além de um restaurante tradicional. Os dois estabelecimentos ficam às margens da Rodovia BR-153, local que abriga também um centro comercial. Chegou a gerir a cidade como prefeito, passando o bastão, posteriormente, ao seu filho Francisco Alves de Souza Brito Junior, que idealizou um festival voltado ao público nordestino que reside na cidade.

Deyne Wirginia Alves Barbosa é natural de Campina Grande, na Paraíba, e se mudou para Goiás há 38 anos. Por possuir parentes já residindo em Goiás, se sentiu ainda mais acolhida no novo Estado. Logo se adaptou em Terezópolis, a ponto de chamar o Estado de “meu Goiás”. Conta que a cidade em que mora possui cerca de 90% da população composta por nordestinos e descendentes. Trabalhando como atendente da bodega, também atuou como superintendente da Secretaria de Cultura da cidade, onde participou da realização do festival gastronômico nordestino.

Reinaldo Alves Pereira nasceu em Goiânia, mas é descendente de nordestinos que se mudaram para Goiás antes da fundação da capital. Seu avô percorreu um trajeto que, segundo ele, levou 4 meses a pé. Foi com essa vivência com o avô que começou a ter o primeiro contato com os frutos do cerrado. Posteriormente, Reinaldo se tornou artesão, manipulando madeira, sementes e frutos deste bioma. Depois de morar em Anápolis e Goiânia, se mudou para Terezópolis de Goiás com a esposa. Tamanha foi a vivência com os pais e avós, que o artesão chega se emocionar ao falar do orgulho de ter sangue nordestino.

3.4 MEMORIAL

Aqui é apresentada a contribuição individual de cada um para o sucesso deste trabalho.

3.4.1 Eduardo Bernardo

Em junho de 2022, eu e Rodrigo decidimos que queríamos produzir algum produto para nosso TCC. Enquanto eu ainda não tinha uma ideia bem definida, ele já planejava fazer um documentário sobre povos nordestinos em Goiás e me convidou para fazer parte. Desde o princípio nos demos bem, dividindo funções

e obrigações, de modo que não ficasse sobrecarregado para nenhum de nós dois.

Durante a fase de TCC I, decidimos que cada um faria uma parte do trabalho teórico, mas sempre com o apoio um do outro. Nessa etapa, fiquei encarregado de escrever sobre o surgimento, geografia e economia da região Nordeste, além de parte da migração nordestina em Goiás. No capítulo 2, que trata especificamente sobre o documentário e suas nuances, escrevi sobre a definição deste gênero de filme, sua relação com a ficção e suas etapas de construção, produção e gravação. Como sempre gostei de escrever e tenho facilidade com a língua portuguesa, me encarreguei de formatar e editar nosso trabalho escrito, realizando todas as correções necessárias, enquanto Rodrigo já começava a pensar em personagens para o documentário.

Em 2023, começamos as filmagens do nosso filme. Nessa etapa, apesar de dividirmos as tarefas, cada um de nós fez um pouco de tudo. Enquanto Rodrigo contatava as fontes e atuava como entrevistador durante as gravações, eu realizava a parte técnica, ajustando equipamentos, captando áudio e fazendo filmagens. Ao final de cada dia de entrevistas, eu me encarregava de realizar a decupagem de todo o material, fazer cortes das falas e organizar em pastas no *drive* para facilitar o futuro processo de edição, enquanto Rodrigo continuava em busca de novos personagens e cenários.

Após a fase de entrevistas, me encarreguei de escrever os primeiros esboços de roteiro, até a versão final, bem como realizar as edições iniciais, sempre em parceria com Rodrigo, que auxiliou na roteirização e se encarregou de fazer a edição “pesada” do documentário. Enquanto ele trabalhava nessa edição, fiz os últimos ajustes e correções no trabalho escrito, além de auxiliar na edição com sugestões e verificando detalhes que, porventura, tivessem passado despercebidos.

Foi uma parceria que deu muito certo. Conseguimos vencer todos os desafios encontrados pelo caminho e entregar todo o trabalho com excelência dentro do prazo estipulado, sempre com muita conversa, amizade e cooperação.

3.4.2 Rodrigo Melo

Desde que ingressei no curso de jornalismo, eu já sabia o que queria fazer no meu TCC: um documentário a respeito da vida dos nordestinos em Goiás. Até maio de 2022, eu ainda estava decidido em fazer todo o trabalho individualmente, como já havia pensado desde o início. No entanto, após fazer alguns trabalhos com Eduardo em uma disciplina que estudei exclusivamente de manhã, notei que ele era uma pessoa tão dedicada quanto eu e que intencionava fazer um produto no TCC, mas não sabia o que e nem o tema. Foi então que compartilhei a minha ideia e o convidei para fazermos juntos. Ele aceitou, e desde então, foi uma parceria que deu muito certo.

Durante o trabalho escrito, na etapa TCC 1, dividimos os tópicos que cada um iria fazer, constantemente dando suporte um para o outro. Durante essa fase, fiquei responsável por escrever sobre a cultura nordestina, migração, migração nordestina e parte da migração que ocorreu especificamente em Goiás, relacionando também as festas e comemorações realizadas no Estado. Já no capítulo 2, que aborda especificamente o gênero documentário, descrevi sobre a relação deste produto com a cultura, ética e jornalismo, além da construção, afunilando sobre a edição. Também durante essa fase, comecei a entrar em contato com fontes e personagens que iriam compor o filme.

Em fevereiro de 2023, esboçamos o roteiro e começamos as gravações a partir dos nossos próprios recursos e conhecimentos, dividindo as funções. Enquanto eu abordava e entrevistava pessoas, o Eduardo se dedicava a parte técnica da produção, tanto nas filmagens quanto na captação de áudio. Enquanto eu continuava em busca de personagens e cenários, o Eduardo se encarregava de fazer a decupagem das aproximadamente três horas de entrevistas.

Nesse percurso, vivemos de fato a produção jornalística e fílmica, quando encontramos personagens inesperados que contribuíram substancialmente para o documentário. No entanto, até chegar lá, foram diversas rejeições que tivemos por parte de outras possíveis fontes.

Toda essa parceria entre mim e o Eduardo ocorreu de forma fluida. Enquanto eu cuidava da maior parte da produção artística e edição do documentário, ele trabalhava nos últimos ajustes da parte escrita, a qual ele se dedicou desde o início com a formatação e correção, além da descrição de todo

roteiro e perfil dos personagens. Eduardo também editou diversas partes do filme, também colaborando, e muito, no cuidado com os detalhes.

Nesse momento, mesmo após decupagem e vários cortes, nos deparamos ainda com mais de 40 minutos de entrevista. Em diversas reuniões e encontros conseguimos extrair as partes mais importantes e conseguimos respeitar a duração limite que este trabalho exige de até 25 minutos, acrescentando abertura, cobertura e cenas adicionais. Os desafios técnicos durante a edição também foram superados.

Diante da pluralidade e riqueza da cultura nordestina, o Eduardo teve a ideia de colocarmos entre os capítulos um repentista ou cordelista para recitar ou cantar versos que se conectassem com cada capítulo, para que assim o trabalho pudesse valorizar ainda mais a arte desse povo. Apesar de entrar em contato com diversas pessoas e associações do campo artístico, nenhum artista acessível foi encontrado. Porém, com o conhecimento de tudo que era retratado em cada episódio do documentário e do viés artístico que adquiri durante a vida em escrever poesia e cordel, decidimos que eu iria compor o repente e um músico a interpretaria.

Em resumo, todas as dificuldades e desafios deste trabalho como um todo foram superados após uma dedicada e criativa colaboração conjunta da dupla.

4 CONSIDERAÇÕES

A produção do documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas** e a realização do trabalho teórico nos possibilitaram colocar em prática as habilidades desenvolvidas durante a graduação em Jornalismo, tanto escrita, no que tange à pesquisa, elaboração de ideias, definição de enfoque e junção de dados, quanto na prática, com o desenvolvimento da pauta, busca de personagens cujas histórias sejam compatíveis com o tema norteador, definição de locações de filmagens, montagem de roteiro, gravações, captação de áudio, decupagem, edição e pós-produção. Todas essas etapas foram executadas por nós no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I e TCC II), nos deixando mais preparados para o mercado de trabalho, que exige cada vez mais profissionais capacitados em diferentes plataformas de comunicação.

As gravações do documentário foram realizadas nas cidades de Goiânia e Terezópolis de Goiás, Região Metropolitana da capital. Ao todo, foram entrevistados dez personagens, entre nordestinos e descendentes, além da participação de um cantor e sanfoneiro. Somadas as filmagens e entrevistas, foram produzidas aproximadamente oito horas de material bruto, que foram decupadas e transformadas em cerca de 25 minutos de filme. Para isso, foi realizado um árduo e exaustivo trabalho de seleção de falas, cenas e músicas de modo que, intercaladas, deram ritmo e sentido ao roteiro elaborado.

A trajetória da produção deste filme foi marcada por algumas dificuldades e surpresas. Ao longo dos meses, conhecemos pessoas com histórias interessantes, mas que não quiseram dar entrevista e fontes que não respondiam às mensagens. Procuramos por um repentista durante vários meses, mas sem sucesso. Tivemos que retornar em alguns locais para fazer novas gravações e retiramos um personagem do documentário por não caber no roteiro do filme. Tivemos que decupar longas entrevistas e aprender a utilizar um programa profissional de edição de vídeos.

Mas todas essas dificuldades foram superadas. Conseguimos encontrar novas fontes durante o trabalho em campo, tal qual um jornalista faz. Rodrigo Melo aflorou sua criatividade e compôs um repente. Conseguimos transpor dificuldades na edição, tanto de imagens, quanto na melhoria de áudios ruins.

Criamos toda a estética do documentário, desde a abertura até o encerramento, utilizando apenas imagens autorais, com exceção das imagens de drone e do Nordeste. Todos os equipamentos e recursos utilizados foram próprios. Conhecemos pessoas e histórias incríveis, com as quais daria para fazer um novo documentário em forma de biografia.

O documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas** cumpriu com seu propósito inicial e conseguiu mostrar os desafios enfrentados pelos nordestinos vivendo em Goiás e a sua grande contribuição para a cultura local. Com isso, foi capaz de valorizar este povo que luta contra o preconceito, a xenofobia e a vulnerabilidade econômica, social, política e climática desde seu nascimento.

Referências

ALVES, Francisco. **A força do nordestino em Goiás**: a migração nordestina para cidades goianas. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2022.

ANTES Que me esqueçam: a cena cultural do Caparaó Capixaba. Direção de Lucas Almeida Moço Fioreze e Thiago Cleiton Silva Soares. Produção de Lucas de Almeida Moço Fioreze e Thiago Cleiton Silva Soares. Alegre-ES: Zero28 Produtora, 2022. (56 min.), color.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Governo do Estado da Bahia. **InfoNORDESTE**: A região em Números. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/resumo/info_nordeste.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2007, n. 71, pp. 41-79. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000200003>>. Epub 07 maio 2008. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000200003>.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo**: propostas para uma cartografia plural. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRASIL. Assessoria de Comunicação Social. Ministério do Turismo. **Nordeste vai atrair 1,6 milhão de turistas no Carnaval**. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/nordeste-vai-atrair-16-milhao-de-turistas-no-carnaval>. Acesso em: 31 out. 2022.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 out. 2022.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto - PIB**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pcb.php>. Acesso em: 28 out. 2022.

BRASIL. OBSERVATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. **Cenário Geral Brasil**: composição populacional por região de nascimento. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/boletim-sudene-migracao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?”**: reflexões sobre o conceito de cultura e atuação dos poderes públicos. In: V ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009, Salvador: Faculdade de Comunicação / Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 1-14.

CEARÁ. Davi César. Secretaria do Planejamento e Gestão do Governo do Estado do Ceará. **Região Nordeste possui quase metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE**. 2020. Disponível em:

<https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza->. Acesso em: 28 out. 2022

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias; tradução Angela M. S. Corrêa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 283 p.

CONTEL, Fabio Betioli. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 3, p. 1-21, 25 jun. 2014. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.990>.

DIÁSPORA nordestina e a construção do Brasil. [S.L.]: Lili Schwarcz, 2019. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IdGd9vDEItA>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 240 p.

G1 BA (Bahia). G1 Bahia. Carnaval de Salvador: 16,5 milhões de pessoas circularam pelas ruas da capital; 854 mil são turistas. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/carnaval/2020/noticia/2020/02/26/carnaval-de-salvador-854-mil-turistas-visitaram-capital-baiana-durante-foia-aponta-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2022.

GOIÂNIA. Evelyn de Castro Cruvinel. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Migração em Goiás entre 2005 e 2015**. 2017. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/estudos/2017/migracao-em-goias-entre-2005-2015.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GOIÂNIA. Luiz Carlos Fukugawa. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Panorama da Migração em Goiás**. [2014]. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/estudos/2014/panorama-da-migracao-em-goias.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Casa Civil. Governo do Estado de Goiás. **Dia Estadual do Nordestino é criado em Goiás**. 2020. Disponível em: <https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9171-dia-estadual-do-nordestino-%C3%A9-criado-em-goi%C3%A1s.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

GUITARRARA, Paloma. Brasil Escola. **Migração**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/tipos-migracao.htm>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LOS ladrones: La verdadera historia del robo del siglo / A verdadeira história do roubo do século. Direção de Matías Gueilburt. Produção de Sebastián Gamba. Argentina: Netflix, 2022. (109 min.), color.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **As festas juninas**: uma vitrine de culturas simbólicas no contexto do turismo cultural. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/90-as-festas-juninas.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. 127 p.

MELO, Maria das Neves Medeiros de; FUSCO, Wilson. Migrantes Nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial. **Confins**: Revista franco-brasileira de geografia, [S.L.], n. 40, p. 1-18, 14 maio 2019. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/confins.19451>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Martins**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2010. 272 p.

PEREIRA, Arianne. **A prática do documentário jornalístico (modelos europeu e norte-americano) na disciplina de Telejornalismo da Unicentro**. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. p. 1-10.

PEREIRA, Stefânia Paula Fernandes. **Diferenças formais entre reportagem e documentário**: questões da ética no cinema e valorização do personagem. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2015, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. p. 1-12.

PUCCINI, Sérgio José. **Documentário e roteiro de cinema**: da pré-produção à pós-produção. 2007. 250 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SOUSA JUNIOR, Bernardo Alves. **Migrações nordestinas na cidade de Senador Canedo - GO**. 2021. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

STIVAL, Sonea. **A força do nordestino em Goiás**: a migração nordestina para cidades goianas. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2022.

TV BRASIL DE NORTE A SUL (Goiás). **Programa Histórias de Goiás**: Terezópolis. Goiás, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43dqGhrdtwA>. Acesso em: 16 nov. 2022.

VALOR (São Paulo). Valor Econômico. **Sudeste concentra 55,2% do PIB do país, diz IBGE**. 2014. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2014/11/14/sudeste-concentra-552-do-pib-do-pais-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 12 nov. 2022.

VERNEZ, Enivaldo. **A força do nordestino em Goiás**: a migração nordestina para cidades goianas. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2022.

WAINER, Julio. **A entrevista no documentário**. 2014. 200 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

APÊNDICES

O documentário **A força do nordestino em Goiás: a migração nordestina para cidades goianas** conta a história de nove personagens, entre naturais do Nordeste e descendentes, que escolheram Goiás como sua segunda terra, na tentativa de ter uma vida melhor. Para isso, tiveram que enfrentar diversas dificuldades em um novo ambiente, longe de sua família, começando do zero.

Toda a história foi dividida em seis capítulos, alternando as falas entre os personagens de forma dinâmica, buscando também ilustrar, por meio de símbolos, imagens e sons, a história e a cultura nordestina. Goiânia e Terezópolis de Goiás foram palcos deste filme, devido sua importância e considerável concentração de nordestinos e descendentes.

O repente intitulado *NorDestino em Goiás* foi escrito por um dos autores deste trabalho, Rodrigo Melo, e faz referência a cada capítulo do documentário. Os versos ilustram a trama da saída e chegada dos nordestinos, as dificuldades enfrentadas, além da cultura e orgulho.

APÊNDICE A – Roteiro Final

MINUTAGEM	VÍDEO	ÁUDIO
Cena 1 00:00 – 00:17	Abertura “A força do nordestino em Goiás”	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 2 00:18 – 0:23	Imagem aérea do sertão GC: Rio Grande do Norte	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 3 00:24 – 0:26	Gado no sertão GC: Rio Grande do Norte	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 4 00:27 – 0:31	Cacto e casa verde	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 5 00:32 – 00:34	PAN: pôr do sol no sertão	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 6 00:35 – 00:38	Imagem aérea de motocicleta em estrada de chão	BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 7 00:39 - 00:43	Imagem dentro de um ônibus	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 8 00:44 – 00:51	Ônibus chegando na Rodoviária de Goiânia GC: Goiás	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 9 00:52 – 00:55	Ônibus saindo da Rodoviária de Goiânia / Letreiro da Rodoviária	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 10 00:56 – 01:01	Passageiros desembarcando de ônibus GC: Migração Em 2010, Goiás possuía mais de 27% de habitantes vindos de outros Estados. Desse total, os nordestinos representavam cerca de 42% (676.064 pessoas)	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 11 01:02 – 01:05	Passageiros retirando bagagem de ônibus GC: Migração Em 2010, Goiás possuía mais de 27% de habitantes vindos de outros Estados. Desse total, os nordestinos representavam cerca de 42% (676.064 pessoas)	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 12 01:06 – 01:09	Passageiro com violão nas costas indo embora da rodoviária	BG “Faixa 5: Valsa Sanfona” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic

Cena 13 01:10 – 01:45	Músico cantando na lateral de um trem de ferro GC: Capítulo 1 Partida Rodrigo Araújo Bahia / Ap. de Goiânia Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Que adianta o braço forte Se a terra não dá sustento Vou partir pra outro rumo Acabar com o sofrimento Voltarei só com fartura Do suor da minha labuta Aqui faço um juramento
Cena 14 01:46 – 02:01	Entrevista - Francisco Ramos GC: Francisco Ramos Piauí / Goiânia	Eu sou o Francisco Ramos Mendes, me chamo Chico Piri, eu vim de Piripiri do Piauí para Goiânia, tenho 69 anos, nasci em 25 de setembro de 1953.
Cena 15 02:02 – 02:13	Entrevista – Deyne Wirgínia GC: Deyne Wirgínia Paraíba / Terezópolis	Meu nome é Deyne Virgínia Alves Barbosa, sou de Campina Grande, Paraíba. Tenho 48 anos e moro aqui em Goiás já há 38 anos.
Cena 16 02:14 – 02:30	Entrevista – Francisco de Souza GC: Francisco de Souza Paraíba / Terezópolis	Meu nome é Francisco de Souza Brito, popular Galego. Eu sou paraibano, nasci em Umbuzeiro, tenho 65 anos completos, graças a Deus, com muito orgulho. E hoje estou residindo em Terezópolis de Goiás.
Cena 17 02:31 – 02:41	Entrevista – Joacy da Silva GC: Joacy da Silva Maranhão / Goiânia	Meu nome é Joacy da Silva, a cidade onde eu morava é Imperatriz do Maranhão, onde eu nasci e eu tenho 56 anos.
Cena 18 02:42 - 03:05	Entrevista – Eliana Alves GC: Eliana Alves Piauí / Goiânia	Meu nome é Eliana Alves da Silva, tenho 47 anos, sou natural do Piauí, Valência do Piauí. Estamos aqui morando nessa cidade linda, maravilhosa. Nós casamos no Piauí, fomos para Imperatriz do Maranhão, onde é a terra do meu esposo. Seis meses de casado nós viemos para Goiânia e estamos aqui já há 7 anos.
Cena 19 03:06 – 03:17	Entrevista – Osivan Sá Teles GC: Osivan Sá Teles Bahia / Goiânia	Eu sou Osivan de Souza Sá Teles. Eu sou do Oeste da Bahia, sou de Barreiras, Bahia. Eu nasci em Formosa do Rio Preto, com pouco tempo fui para Vanderlei, Bahia.
Cena 20 03:18 – 03:23	Entrevista – Osivan Sá Teles Câmera 2	Eu sou de 77, 12/08/77. Cheguei aqui por volta de 96/97.
Cena 21 03:24 – 03:33	Entrevista – Osivan Sá Teles	Vim pra cá, pra Goiânia procurar melhoria. Porque ninguém sai de seu estado a não ser para procurar melhoria.

Cena 22 03:34 – 03:52	Entrevista – Francisco de Souza	Quando eu vim do Nordeste pra cá, eu tinha 16 anos. Primeiro “nós veio” para Goiânia. Tocamos comércio em Goiânia 2 anos. Mas como nós “tinha” costume lá no Nordeste de mexer só com fazenda e essas coisas, não foi tão favorável ficar em Goiânia, “nós” não tinha tanto conhecimento.
Cena 23 03:53 – 03:57	Entrevista – Francisco de Souza Câmera 2	Veio eu, meus irmãos, minha mãe. Nós éramos em torno de 12 pessoas quando nós “veio”.
Cena 24 03:58 – 04:12	Entrevista – Deyne Wirgínia	Já tinha parentes que moravam aqui, então eu vim passear, me identifiquei muito com o ambiente aqui, com a cidade acolhedora e fiquei. Sempre vou lá, mas hoje já me sinto uma pessoa goiana.
Cena 25 04:13 – 04:33	Entrevista – Osivan Sá Teles	Lá eu não tinha futuro nenhum. Se não fosse meu cunhado, que é meu compadre e eu considero como um pai, me botar dentro do baú de um caminhão e me trazer pra cá. Eu vim dentro de um baú. Tanto que o baú era escorado com um toco e amarrado de corda para o ar entrar lá dentro, senão eu morria sufocado lá dentro.
Cena 26 04:34 – 04:35	Entrevista – Francisco Ramos	Eu saí do Nordeste e fui pra São Paulo.
Cena 27 04:36 – 04:46	Entrevista – Francisco Ramos Câmera 2	Porque o seguinte: lá tava muito difícil, certo? Já tinha 24 anos e não tinha ganhado nada e eu já estava ficando velho. Pra mim eu já tava ficando velho e não tinha conseguido nada.
Cena 28 04:47 – 04:55	Entrevista - Francisco Ramos	Aí o problema é que meu irmão me chamou pra cá e que aqui era melhor. E eu acreditei nele. E foi muito bom.
Cena 29 04:56 – 05:08	Entrevista – Eliana Alves	O meu esposo morou aqui em 2005 e ele gostou demais da cidade. Ele teve um problema de saúde e veio se cuidar aqui e achou muito mais fácil,
Cena 30 05:09 – 05:21	Entrevista – Eliana Alves Câmera 2	o atendimento, o cuidado, muito bom para sua saúde. Onde lá no Nordeste já não oferece isso. Então ele sonhava em retornar pra cá.
Cena 31 05:22 – 05:24	Entrevista – Eliana Alves Foto do casamento	Ai quando a gente casou, ele perguntou pra mim
Cena 32 05:25 -	Entrevista – Eliana Alves Casal na porta de casa	se eu tinha coragem de vir morar aqui em Goiânia. E eu “sim”.

Cena 33 05:29 – 05:58	Músico cantando em frente a um trem de ferro GC: Capítulo 2 Perrengue Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Fui embora da minha casa Dei um abraço nos meus pais Na mala muita esperança Vida nova em Goiás Faço nenhum sacrilégio Deus me deu o privilégio O trabalho rende mais
Cena 34 05:59 – 06:07	Entrevista – Osivan Sá Teles GC: Osivan Sá Teles Bahia / Goiânia	A respeito dos primeiros serviços meu, eu queria mostrar pra minha família, pros meus parentes que eu não ia ser o que eu era lá na Bahia.
Cena 35 06:08 – 06:11	Entrevista – Osivan Sá Teles Foto da infância	Porque eu realmente tava imigrando pro lado de gente ruim.
Cena 36 06:12 – 06:15	Entrevista – Osivan Sá Teles Foto da infância em cima de uma bicicleta	Só que eu não fui pra esse lado, graças a Deus. Cheguei por Goiás E fui atrás de trabalho.
Cena 37 06:16 – 06:19	Entrevista – Osivan Sá Teles Foto da infância com outro rapaz	Aí um certo domingo de madrugada,
Cena 38 06:20 – 06:28	Entrevista - Osivan Sá Teles	Acordei. Domingo! Quem vai arrumar emprego domingo em Goiânia? Só que eu botei na minha cabeça “eu não vou voltar pra Bahia porque eu sou orgulhoso.
Cena 39 06:29 – 06:31	Entrevista - Osivan Sá Teles Câmera 2	Eu prefiro a morte do que dar o braço a torcer”.
Cena 40 06:32 – 06:35	Entrevista – Francisco Ramos GC: Francisco Ramos Piauí / Goiânia	E a vida é assim mesmo. Trabalhei de empregado.
Cena 41 06:36 – 06:45	Entrevista – Francisco Ramos Foto antiga, em frente a engradados	E a vida é assim mesmo. Trabalhei de empregado. Vim pra Goiás e fiz minha vida aqui em Goiás. Encontrei meu irmão aqui, meu irmão me chamou para trabalhar junto, em sociedade.
Cena 42 06:46 – 06:48	Entrevista – Francisco Ramos Foto ao lado de amigos	“Montemos” um barzinho pequeno e nós começamos com comida nordestina:
Cena 43 06:49 – 06:50	Entrevista – Francisco Ramos Foto com família e amigos sentados à mesa	Rabada, língua, dobradinha, moela
Cena 44 06:51 – 06:53	Entrevista – Francisco Ramos Foto comemorando aniversário e soprando velas	E outros itens.

Cena 45 06:54 – 06:59	Entrevista – Danillo Ramos GC: Danillo Ramos Descendente / Goiânia	Quando meu pai chegou em Goiânia, Goiânia era uma cidade a ser construída. Acredito que ele, junto com outros nordestinos
Cena 46 07:00 – 07:02	Entrevista – Danillo Ramos Francisco Ramos conversando com clientes	“ajudaram” a construir essa cidade,
Cena 47 07:03 – 07:09	Entrevista – Danillo Ramos TILT: fachada do Piry Bar e Restaurante	o Jardim América. Então, a presença do meu pai e dos outros nordestinos “fizeram” bem à Goiânia.
Cena 48 07:10 – 07:12	Entrevista – Danillo Ramos	Goiânia fez bem pra ele também.
Cena 49 07:13 – 07:18	Entrevista – Osivan Sá Teles	Peguei cinco reais e entrei no Transurb,
Cena 50 07:19 – 07:26	Entrevista – Osivan Sá Teles Imagens em PB e colorido de ônibus de Goiânia	uns ônibus feios. Aí desci no Padre Pelágio. No Padre Pelágio peguei o Anhanguera. Eu não conhecia nada, cara.
Cena 51 07:27 – 07:30	Entrevista – Osivan Sá Teles	Cara, eu não sabia fazer um currículo. E não tinha ninguém pra me instruir a fazer um currículo.
Cena 52 07:31 – 07:35	Entrevista – Osivan Sá Teles Câmera 3 (close)	Aí o bilhete na época deveria custar um e pouquinho, um e vinte e cinco. Um real e pouquinho, um e trinta e cinco.
Cena 53 07:36 – 07:50	Entrevista – Osivan Sá Teles	E eu tinha medo de comer e não dar para “mim” voltar. Aí eu subi, olhei, olhei, olhei, olhei aí eu falei “Deus mandou eu ir aqui”. Aí cheguei lá, tinha um cidadão.
Cena 54 07:51 – 08:04	Entrevista – Osivan Sá Teles Câmera 2	Aí eu peguei e falei assim “cara, por favor, me dá só um minuto de atenção”. Ele olhou pra mim e falou assim “o que você quer?”. Falei “me arruma um trabalho, por favor, cara”.
Cena 55 08:05 – 08:34	Entrevista – Osivan Sá Teles	Ele olhou pra mim e falou assim “como é seu nome?”. “Meu nome é Ivan, eu vim de Barreiras, eu não posso voltar para Barreiras, eu vim pra ficar”. Ai ele olhou pra mim e falou assim “encosta aqui um pouquinho que eu tô muito ocupado, daqui a pouco eu falo com você”. Eu digo “eu posso esperar?”. Ele falou “pode”. Quando ele falou pode, eu já comecei a sentir uma adrenalina. Digo “pra Bahia eu não volto mais”. Ele me chamou num canto e falou assim “o que você quer?”. “Quero trabalhar, bicho, por favor”. Ele disse

		“você mora onde aqui em Goiânia”. “Bairro da vitória”.
Cena 56 08:35 – 08:41	Entrevista – Osivan Sá Teles Câmera 2	Falou “Como você vai chegar aqui 7hrs da manhã? Meus funcionários chegam 7hrs da manhã”. Digo “eu durmo aqui no portão”.
Cena 57 08:42 – 08:49	Entrevista – Osivan Sá Teles	Rapaz, quando a pessoa falou que ia a registrar minha carteira. Parece que você ganhou uma medalhona, quando a pessoa disse “eu vou assinar sua carteira”.
Cena 58 08:50 – 9:20	Músico cantando próximo a um trem de ferro GC: Capítulo 3 Aconchego Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Eu labuto todo dia No mesmo sol de rachar Terra vermelha emana vida Tudo que se planta, dá Goiás prospera minha peleja É nessa terra sertaneja Onde encontrei o meu lugar
Cena 59 09:21 – 09:34	Entrevista – Francisco de Souza GC: Francisco de Souza Paraíba / Terezópolis	Graças a Deus me adaptei aqui, com o pessoal. Aqui também tem muito nordestino, pernambucano, baiano, goiano, de toda região tem o pessoal aqui. E eu me misturei com eles
Cena 60 09:35 – 09:43	Entrevista – Francisco de Souza Francisco cumprimentando clientes e trabalhando no caixa	e graças a Deus me saí muito bem e hoje estou aqui em Terezópolis mexendo com o nosso comércio, com as nossas coisas.
Cena 61 09:44 – 09:51	Entrevista – Deyne Wirgínia GC: Deyne Wirgínia Paraíba / Terezópolis	Construí família aqui e me adaptei muito ao ambiente aqui, à cidade aqui. É uma cidade muito boa, que 90% da cidade aqui também é nordestina.
Cena 62 09:52 – 10:03	Entrevista – Deyne Wirgínia Imagens da cidade de Terezópolis de Goiás (rua da igreja, mercado, rua paralela à BR)	Então me senti em casa por conta disso. Uma cidade que tem muitos nordestinos, os que não são nordestinos são descendentes. Então a gente se adapta fácil ao ambiente aqui.
Cena 63 10:04 – 10:06	Entrevista – Deyne Wirgínia	E assim, me sinto uma terezopolina, campinense, paraibana, goiana.
Cena 64 10:07 – 10:30	Entrevista – Eliana Alves GC: Eliana Alves Piauí / Goiânia	Aqui em Goiânia, ele só pratica o evangelismo cristão. No Nordeste nós temos a tendência de levar nas ruas o evangelho de Cristo, as boas novas de salvação. Por enquanto, o Joacir vai de segunda a sexta sozinho, sem mim.
Cena 65	Entrevista – Eliana Alves	Eu sou diarista, eu trabalho, gosto de trabalhar, pegar no meu dinheirinho. E

10:31 – 10:41	Eliana passando roupa	eu mantenho isso. Porque agora eu tô exercendo diárias. Eu passo roupa. Amo passar roupa.
Cena 66 10:42 – 10:50	Entrevista – Osivan Sá Teles Fotos do trabalho de Osivan como segurança	Eu sou segurança de escolta armada, eu sou segurança VIP, eu sou segurança patrimonial.
Cena 67 10:51 – 10:57	Entrevista – Osivan Sá Teles Osivan preparando comida	Eu não sou chefe de cozinha porque eu não tenho o curso, mas pode trazer algum chefe aqui e mandar eu fazer, pra ver se eu não faço.
Cena 68 10:58 – 11:01	Entrevista – Osivan Sá Teles Osivan dirigindo	Eu sou motorista particular, fui taxista dentro de Goiânia.
Cena 69 11:02 – 11:06	Timelapse das avenidas Tocantins e Anhanguera (Teatro Goiânia) GC: Goiânia	BG “Faixa 2: Baião 1” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 70 11:07 – 11:10	Timelapse da Avenida Anhanguera (Eixo Anhanguera) GC: Goiânia	BG “Faixa 2: Baião 1” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 71 11:11 – 11:14	Timelapse da Avenida Tocantins (Ponto de ônibus)	BG “Faixa 2: Baião 1” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 72 11:15 – 11:17	Imagem aérea de Goiânia (Prédios)	BG “Faixa 2: Baião 1” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 73 11:18 – 11:22	Imagem aérea de Goiânia (Rodovia)	BG “Faixa 2: Baião 1” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 74 11:23 – 11:52	Músico cantando próximo a um trem de ferro GC: Capítulo 4 Saudade da terrinha Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Do chão rachado que brotei Saudade pipoca em meu peito Da família que lá deixei Simplicidade nunca esqueço Meu painho e minha mãinha Me aguardam na terrinha O “zóio” escorre, não tem jeito
Cena 75 11:53 – 12:10	Entrevista – Francisco Ramos	Antigamente eu tinha mais saudade dos meus pais. Eu “truxe” pra cá e faleceram os dois. Agora a saudade só da terrinha né, que eu tenho vontade. Eu casei aí muda tudo, tem filho. Mas eu tenho muita saudade da minha terra Piripiri,
Cena 76 12:11 – 12:21	Entrevista – Francisco Ramos Câmera 2	o calor humano de lá do pessoal, meus amigos, meus tios. A minha família

		toda tá lá, meus irmãos. Tenho 4 irmãos lá. Tenho saudade deles.
Cena 77 12:22 – 12:24	Entrevista – Francisco Ramos	Mas voltar pra lá não, só passear.
Cena 78 12:25 – 12:40	Entrevista – Eliana Alves	Da simplicidade. É um lugar simples, não é perigoso. As pessoas se gostam, se comunicam mais, tem mais tempo de se comunicar, de ter aquela comunhão. Eu gosto demais.
Cena 79 12:41 – 12:49	Entrevista – Francisco de Souza	Saudade de tudo. Se você pensar em uma cidade maravilhosa, João Pessoa que tem muitas praias bonitas.
Cena 80 12:50 -	Entrevista – Francisco de Souza Câmera 2	Na região nossa mesmo, que não chovia tanto, mas era uma região muito boa. Tive o prazer de nascer lá, Umbuzeiro, que é uma cidade não tão grande, mas também é uma cidade boa.
Cena 81 13:01 – 13:13	Entrevista – Deyne Wirgínia	Saudade da terra eu sinto, da família, dos amigos, do ambiente, da cidade, das festas juninas. Sempre que pode dá pra ir lá. Sinto saudade, mas amo aqui também meu Goiás.
Cena 82 13:14 – 13:28	Entrevista – Joacy da Silva	Também da família, dos amigos. Agora a gente foi visitar amigos, soubemos que amigos morreram, faleceram, vai falecendo aqueles amigos velhos.
Cena 83 13:29 – 13:33	Entrevista – Osivan Sá Teles	Eu só sinto saudade da minha mãe.
Cena 84 13:34 – 13:39	Entrevista – Osivan Sá Teles Foto da família de Osivan	Eu tenho negócios lá e tal, mas tipo assim: se eu enfezar aqui agora e falar assim “vou lá pra ver minha mãe agora”, eu vou. E antigamente eu
Cena 85 13:40 – 13:56	Entrevista – Osivan Sá Teles	não tinha essa oportunidade. Eu tinha que comprar uma passagem em 20x, pegar um ônibus. Agora, como Deus me deu oportunidade, se eu falar “ei mãe, amanhã eu tô aí”, aí eu saio de madrugada e eu almoço com ela, porque é 800km, pertinho.
Cena 86 13:57 – 14:25	Músico cantando próximo a um trem de ferro GC: Capítulo 5 Costume Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Minha comida tem tempero, Tem essência, tem sabor Sanfona, zabumba e pandeiro No xaxado sou professor Cuscuz, buchada e mocotó

		Baião, xote e forró O meu segredo é o amor
Cena 87 14:26 – 14:39	Entrevista – Francisco Ramos	Trabalhei 30 anos com meu sócio, que é meu irmão. Depois nós montamos, aí o negócio estava muito cansado e precisando investir, aí entrou meu menino
Cena 88 14:40 – 14:49	Entrevista – Francisco Ramos Danillo Ramos trabalhando na cozinha do restaurante	Danilo Ramos que fez essa parte. Aí cresceu mais as comidas, foi procurar mais as comida nordestina.
Cena 89 14:48 – 14:51	Entrevista – Danillo Ramos GC: Danillo Ramos Descendente / Goiânia	Em primeiro lugar vem a gastronomia, sim, que a gente acredita que é um ponto forte que o Nordeste
Cena 90 14:52 – 15:10	Entrevista – Danillo Ramos Imagens de comidas nordestinas preparadas no restaurante Piry / clientes se servindo / PAN: salão do restaurante Piry	tem pra mostrar pras pessoas. É muito fácil, quando a gente começa a conversar com nossos clientes, perceber que muitos deles são nordestinos ou então são filhos de nordestinos. E esses que são filhos ou que são nordestinos “vê” um pouco de nostalgia, de um resgate
Cena 91 15:11 – 15:14	Entrevista – Danillo Ramos	gastronômico ou cultural quando frequenta a nossa casa.
Cena 92 15:15 – 15:19	Entrevista – Osivan Sá Teles	Pra nós é normal o cuscuz. Isso é normal. A casa de um baiano
Cena 93 15:20 – 15:23	Entrevista – Osivan Sá Teles Imagem de cuscuz	que não tem uma farinha de cuscuz é mentira, ele não é baiano. As vezes faltou,
Cena 94 15:24 – 15:26	Entrevista – Osivan Sá Teles	mas nós vamos no mercado e invés de comprar pão, eu compro a massa de cuscuz.
Cena 95 15:27 – 15:31	Entrevista – Francisco de Souza	Rapaz, eu vou te falar uma coisa: o cuscuz [risada], o cuscuz é muito bom.
Cena 96 15:32 – 15:40	Entrevista – Francisco de Souza Imagens de panelas da lanchonete Bodega	Mas eu gosto muito da carne de cabrito, da carne de carneiro. Isso tudo. Mas o cuscuz pra mim é um prato predileto, e também o feijão de corda.
Cena 97 15:41 – 15:53	Entrevista – Eliana Alves Imagem de Eliana cozinhando com a panela na mão / Eliana, Joacy e parente almoçando à mesa	O que eu mais faço aqui em casa é a panelada, mocotó, que é de lá. Cuscuz de milho também, eu amo cuscuz de milho, chamberil.
Cena 98 15:54 – 15:56	Entrevista – Joacy da Silva e Eliana Alves	O chamberil é muito bom. A farinha de puba.

Cena 99 15:57 – 16:03	Entrevista – Joacy da Silva	A rapadura nós trouxemos de lá, rapadura e farinha de puba nós trouxemos de lá.
Cena 100 16:04 – 16:11	Entrevista – Joacy da Silva e Eliana Alves Imagem de panela com comida nordestina	A panelada aqui chama dobradinha. Mas lá chama panelada. É o buxo do boi, mocotó do boi. Gostoso demais.
Cena 101 16:12 – 16:24	Entrevista – Danillo Ramos	A gente teve a rabada, o mocotó que são pratos tradicionais que fizeram muito sucesso e ainda fazem. Só que a gente foi colocando outras coisas que também o pessoal gosta muito,
Cena 102 16:25 – 16:33	Entrevista – Danillo Ramos Imagens de baião de dois / carne de sol / Danillo cozinhando	que é o baião de dois, a carne de sol, a moqueca. São pratos que remetem e fazem muito sucesso.
Cena 103 16:34 – 16:52	Entrevista – Osivan Sá Teles	Mocotó com tendão, pescoço de boi, chamberil. Aqui os ossos que vocês botam pra fazer sabão, a gente lá na Bahia mete o machado, salga e bota no feijão. Que é a comida nossa, que é o que a gente gosta. Não é porque não tem condições, não. É o que a gente gosta.
Cena 104 16:53 – 17:10	Entrevista – Francisco de Souza Imagens da decoração da Bodega / Luiz Gonzaga / salão	Sempre nós trabalhamos com a comida nordestina. Nós hoje temos aqui uma bodega, que temos até aqui o nosso Luiz Gonzaga, que é uma pessoa nordestina, que a gente sempre gostou muito dele. Então hoje nós temos aqui a comida nordestina.
Cena 105 17:11 – 17:28	Entrevista – Danillo Ramos	Fazemos alguns eventos musicais em que faz essa homenagem ao Nordeste. Fizemos eventos temáticos, carnaval, festa junina. Então sempre buscando mostrar um pouco da cultura do Nordeste e como ela tá presente.
Cena 106 17:29 – 17:38	Músicos tocando e cantando durante evento no Piry Restaurante	Sobe som – “Xote da Alegria”
Cena 107 17:39 – 17:47	Casal dançando durante evento no Piry Restaurante	Sobe som – “Anunciação”
Cena 108 17:48 – 17:52	Casal dançando durante evento no Piry Restaurante	Sobe som – “Minha Melodia”
Cena 109 17:53 – 18:06	Entrevista – Deyne Wirgínia Imagens da fachada do evento TerêOxente / artesanato / culinária / dança	Fizemos um evento, o festival gastronômico TerêOxente. Foi um evento muito grande da gastronomia, onde trabalhamos desde o artesanato,

		a culinária. As atividades que “foi” prestadas no evento “foi” todos nordestinos.
Cena 110 18:07 – 18:14	Entrevista – Francisco Alves GC: Francisco Alves (ex-prefeito) Descendente / Terezópolis	Uma cidade com menos de 10 mil habitantes e também com uma característica nobríssima, que a maioria
Cena 111 18:15 – 18:23	Entrevista – Francisco Alves Imagens da placa “Eu amo Terezópolis” / prefeitura de Terezópolis / Francisco conversando com clientes	das pessoas que deram origem à cidade, a grande maioria é de famílias que vieram, que migraram do nordeste brasileiro pra cá.
Cena 112 18:24 – 18:30	Entrevista – Francisco Alves Imagens do festival TerêOxente / comida / público / stands /	A vocação que o município tem para a gastronomia, para eventos. Então você tem uma cidade com essas características.
Cena 113 18:31 – 18:44	Entrevista – Francisco Alves Imagens do restaurante da família / lojas de produtos típicos de Terezópolis / salão da Bodega /	A vocação que o município tem para a gastronomia, para eventos. Então você tem uma cidade com essas características, mas uma diversidade incrível, com restaurantes, com produtos típicos, com doces, queijos, um requeijão maravilhoso que já ganhou fama no Brasil inteiro, com turismo, um turismo também fantástico.
Cena 114 18:45 – 19:03	Imagem da BR-060 em Terezópolis de Goiás / igreja / mercado / casas / lojas / produtos nordestinos / decorações nordestinas GC: Terezópolis de Goiás	BG “Faixa 3: Baião 2” – Pack Trilhas Nordestinas – AllanPRO e GilverMusic
Cena 115 19:04 – 19:13	Entrevista – Francisco Alves	O TerêOxente, pra nossa surpresa, no primeiro ano foi a maior festa nordestina já realizada no estado de Goiás, reconhecida pelo órgão de turismo do estado, Goiás Turismo.
Cena 116 19:14 – 19:19	Entrevista – Francisco Alves Imagens do Festival TerêOxente	Fomos inseridos no mapa gastronômico do estado também, que era um circuito que acontecia.
Cena 117 19:20 – 19:24	Entrevista – Francisco Alves	Foi uma confraternização da cidade com aqueles que são apaixonados pela cultura nordestina, sejam eles descendentes ou não,
Cena 118 19:25 – 19:29	Entrevista - Francisco Alves Imagem do artesão Reinaldo trabalhando	que também vivem aqui em Goiás.
Cena 119 19:30 – 19:32	Entrevista – Reinaldo Alves Imagens de Reinaldo trabalhando	Sou artesão. Sou filho de nordestino,
Cena 120	Entrevista – Reinaldo Alves	meus pais, meus avós vieram antes da fundação. Meu avô veio antes da

19:33 – 19:47	GC: Reinaldo Alves Descendente / Terezópolis	fundação de Goiânia pra cá. Ele teve um trajeto de vários quilômetros. Veio a pé, gastou 4 meses para chegar até Goiânia.
Cena 121 19:48 – 18:50	Entrevista – Reinaldo Alves Foto do avô de Reinaldo	O meu avô fazia engenho de moer cana
Cena 122 18:51 – 20:04	Entrevista – Reinaldo Alves	tudo no facão. As engrenagens da moenda, ele que fazia nos troncos de árvores do cerrado. Quando menino, ele me levava pra passear na roça que ele tocava onde hoje é o setor Novo Horizonte,
Cena 123 20:03 – 20:11	Entrevista – Reinaldo Alves Imagens dos artesanatos produzidos por ele	e lá, até chegar essa roça, nós “passava” no meio do cerrado. Foi ai que eu conheci os frutos do cerrado, o cerrado propriamente dito.
Cena 124 20:12 – 20:55	Músico cantando próximo a um trem de ferro GC: Capítulo 6 (final) Preconceito é a moléstia Legenda da música	Repente “NorDestino em Goiás” – Rodrigo Melo Já falam que sou burro Bicho lerdo, preguiçoso Usam até de preconceito Pra diminuir o “zoto” Já sangrei as minhas mãos Ergui cidades com esmero Enfrentando chuva e sol Falo sério, não exagero Meu sotaque é arrastado Sou cabra da peste, arretado Sou supprassumo brasileiro
Cena 125 20:56 – 21:01	Entrevista – Osivan Sá Teles	Uma brincadeirinha tem, uma palhaçadinha. "E aí, fez baianada?", "que porra é que você fez?", desculpe a expressão. Tal, não sei o que.
Cena 126 21:02 – 21:23	Entrevista – Deyne Wirgínia	Assim, eu vejo esse preconceito de uma forma diferente, porque o nordestino, por mais preconceito que ele sinta, que ele sofra, ele não se deixa abater com isso. O nordestino é forte. Por mais que seja falada as palavras, o nordestino não se deixa se intimidar com isso. Cada dia mais ele se sente forte e ultrapassa as barreiras sobre isso.
Cena 127 21:24 – 21:40	Entrevista – Francisco Ramos	Tinha muito obstáculo na frente, mas as barreiras a gente passava pra frente. Porque as coisas não têm nada fácil pra gente vencer, principalmente no

		começo, porque nordestino naquela época em Goiânia era muito discriminado.
Cena 128 21:41 – 21:50	Entrevista – Osivan Sá Teles	Eu nunca pedi um real pro meu pai. Eu nunca pedi um real pra minha mãe. Eu nunca fui preso pegando as coisas dos outros. Então eu sou preguiçoso?
Cena 129 21:51 – 21:53	Entrevista – Osivan Sá Teles Imagem da fachada da casa de Osivan	Aí eu tenho um barraco, meu. Que
Cena 130 21:54 – 21:57	Entrevista – Osivan Sá Teles	Deus sabe que isso aqui oh, sangue saiu daqui. Eu fiz. Por que que baiano é preguiçoso?
Cena 131 21:58 – 22:17	Entrevista – Francisco de Souza	Rapaz, eu vou te falar a verdade: pense “num” pessoal inteligente é o nordestino. Ele sabe votar, sabe trabalhar, sabe lutar pra defender o pão. Pense em umas pessoas que às vezes foram e são sofridas, mas sabem viver.
Cena 132 22:18 – 22:37	Entrevista – Deyne Wirgínia	A língua nossa é um pouco diferente. Hoje eu já falo mais um pouco goiano também, divido a convivência aqui, mas ainda falo muito nordestino. Mas isso pra mim, quando alguém fala “ah você fala nordestino, você tem um sotaque”, pra mim é só um elogio, porque eu carrego no meu sangue o sangue nordestino. Então pra mim quando alguém fala “e esse sotaque”, pra mim é um motivo de mostrar que sou diferente, sou nordestina.
Cena 133 22:38 – 23:07	Entrevista – Reinaldo Alves	O nordestino ajudou não só no estado de Goiás, no Brasil inteiro. Porque é um cabra trabalhador, cheio de saúde, vontade de viver, ele agrega muito valor. Desculpa. Eu estou emocionado de falar de nordestino porque a gente tem conhecimento de causa, e a gente fala com a alma, com o coração, com o espírito, na certeza de que o nordestino é o suprassumo mesmo do povo brasileiro.
Cena 134 23:07 – 23:13	Entrevista – Francisco de Souza	Então do Nordeste eu só tenho que agradecer e ter muito orgulho de dizer que sou paraibano.
Cena 135 23:14 – 23:16	Entrevista – Deyne Wirgínia	Tenho orgulho de ser nordestina e de ser goiana.
Cena 136	Entrevista – Francisco Ramos	Nordestino já tem um nome, é ‘cabra da peste’, ‘cabra brabo’, que procura

23:17 – 23:36	Créditos	vencer na vida, uma vida muito sofrida. Quer dizer que ser nordestino é ser brasileiro, forte, corajoso, que topa tudo pra vencer na vida, com muito sacrifício. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 137 23:37 – 23:47	Entrevista – Eliana Alves Créditos	O nordestino é trabalhador, é honesto, ele corre atrás do seu sonho, mas com honestidade. Com trabalho mesmo, para conseguir seus objetivos. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 138 23:48 – 23:54	Entrevista – Francisco de Souza Créditos	Nordestino sempre foi muito corajoso. E não tem medo de andar pelo Brasil afora seja aonde for. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 139 23:55 – 24:00	Entrevista – Joacy da Silva Créditos	Cabra da peste, corajoso mesmo. Que bota o pé na estrada pra andar. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 140 24:01 – 24:05	Entrevista – Osivan Sá Teles Créditos	Por volta de 90% dos nordestinos que é nordestino mesmo, eles preferem morrer do que se entregar. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 141 24:06 – 24:25	Entrevista – Deyne Wirgínia Créditos	Ser nordestino é ser guerreiro, é ser lutador, é ser forte, é cair, é levantar, é renascer, é reescrever uma história. Então ser nordestino pra mim é isso. A gente pode estar no chão que a gente se levanta, que a gente corre atrás, que a gente faz as coisas mudarem. Essa força que tem o sangue nordestino. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
Cena 142 24:26 – 23:36	Entrevista – Reinaldo Alves Créditos	O nordestino é um guerreiro, nordestino é o suprassumo do povo brasileiro, que é um povo ordeiro, trabalhador, honesto, artista, e é muito bom. BG “Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic

Cena 143	Fim do documentário	BG "Sanfona da Esperança – AllanPRO e GilverMusic
23:38 – 23:43	GC: A força do nordestino em Goiás	

APÊNDICE B – Repente *NorDestino em Goiás*

Que adianta um braço forte
Se a terra não dá sustento
Vou partir pra outro rumo
Acabar com o sofrimento

Voltarei só com fartura
Do suor da minha labuta
Aqui faço um juramento

Fui embora da minha casa
Dei um abraço em meus pais
Na mala muita esperança
Vida nova em Goiás

Faço nenhum sacrilégio
Deus me deu o privilégio
O trabalho rende mais

Eu labuto todo dia
No mesmo sol de rachar
Terra vermelha emana vida
Tudo o que se planta, dá

Goiás prospera a minha peleja
É nessa terra sertaneja
Onde encontrei o meu lugar

Do chão rachado que brotei
Saudade pipoca em meu peito
Da família que lá deixei
Simplicidade nunca esqueço

Meu painho e minha mãinha
Me aguardam na terrinha
O “zóio” escorre, não tem jeito

Minha comida tem tempero
Tem essência, tem sabor
Sanfona, zabumba e pandeiro
No xaxado sou professor

Cuscuz, buchada e mocotó
Baião, xote e forró
O meu segredo é o amor

Já falaram que eu sou burro
Bicho lerdo, preguiçoso
Usam até de preconceito
Pra diminuir o “zoto”

Já sangrei as minhas mãos
Ergui cidades com esmero
Enfrentando chuva e sol
Falo sério, não exagero

Meu sotaque é arrastado
Sou cabra da peste, arretado
Sou suprassumo brasileiro

ANEXO 1 – Autorização do uso de imagem e áudio

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Iheyne Virginio A. Barbosa, nacionalidade Brasileira,
estado civil Divorçado, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no
município de Terzópolis - GO. AUTORIZO o uso de minha
imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no
documentário, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I)
home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da
veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a
presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Terzópolis, dia 01 de 04 de 2023.

Iheyne Virginio A. Barbosa
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Jorge da Silva, nacionalidade Brasileira estado civil Casado, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED] residente no município de GOIÂNIA, GOIÁS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Goiania, dia 9 de abr de 2023.

Jorge da Silva
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, FRANCISCO AUGUSTO DE S. JARDIM, nacionalidade BRASILEIRO estado civil CASADO, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de TENEZONAIS - GOIÁS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Tenez., dia 01 de Abri de 2023

[Assinatura]
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Francisco Soares Mendes, nacionalidade brasileira, estado civil solteiro, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de Goianira, GO. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordeste**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Goianira, dia 25 de maio de 2023.

Francisco Soares Mendes
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, REINALDO ALVES PENEIRA, nacionalidade BRASILEIRA, estado civil DIVORCIADO, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de ANAPOLIS, GO. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordeste**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Goianira, dia 01 de ABRIL de 2023
Reinaldo A P
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Francisco de Souza Brito, nacionalidade brasileira, estado civil casado, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de Corumbá de Goiás. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Corumbá dia 01 de abril de 2023.
Francisco de Souza Brito
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Eliana Alves da Silva, nacionalidade brasileira, estado civil casada, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de Goiânia, Goiás. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Goiânia dia 9 de abril de 2023.
Eliana Alves da Silva
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Osivan S. Siqueira, nacionalidade BRA, estado civil solteiro, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de Barcelina, GO. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Barcelina, dia 25 de Junho de 2023

Osivan S. Siqueira
(Assinatura)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

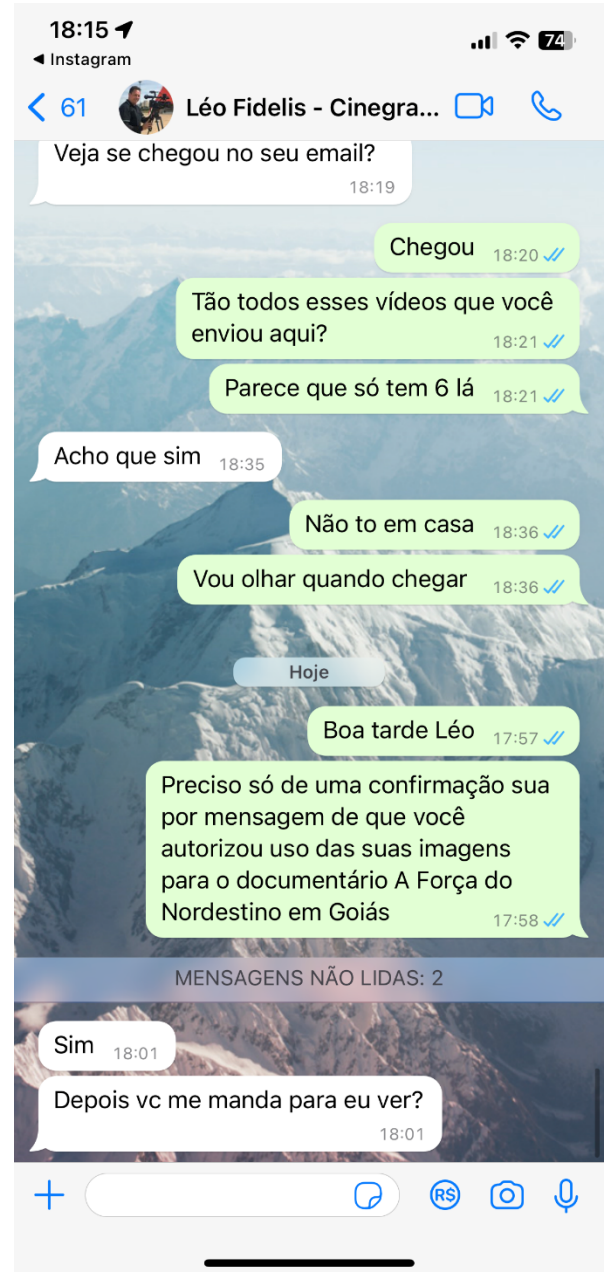
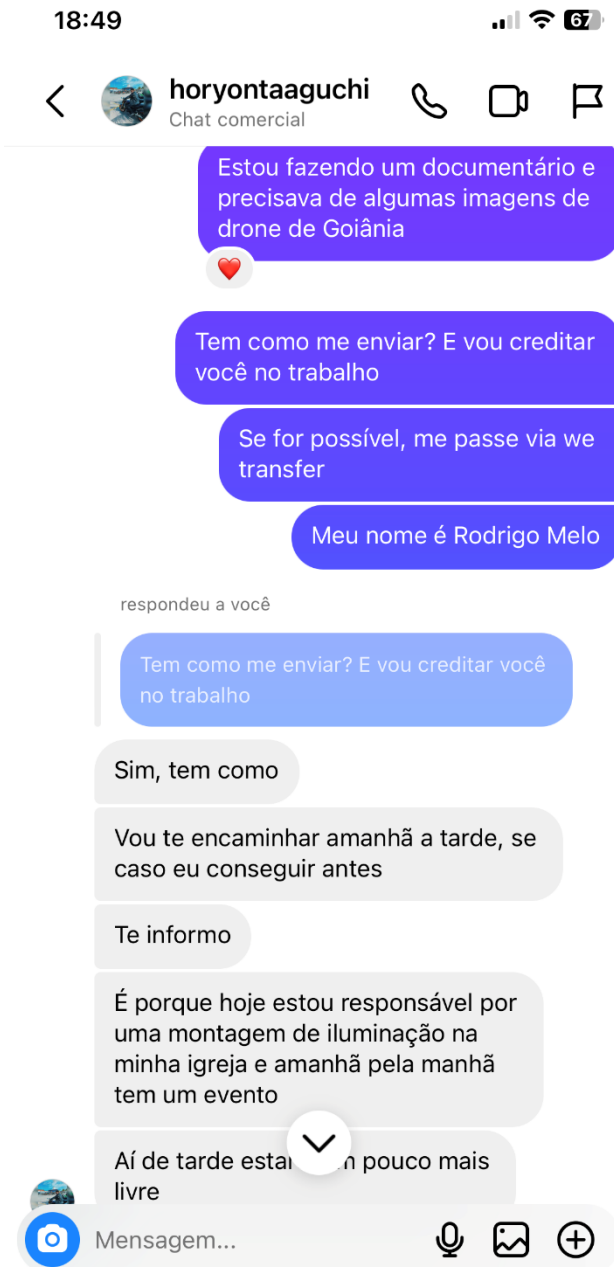
Eu, Francisco Alves Leide, nacionalidade brasileira, estado civil solteiro, inscrito no CPF/MF sob nº [REDACTED], residente no município de Barcelina, GO. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Vida de Nordestino**". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

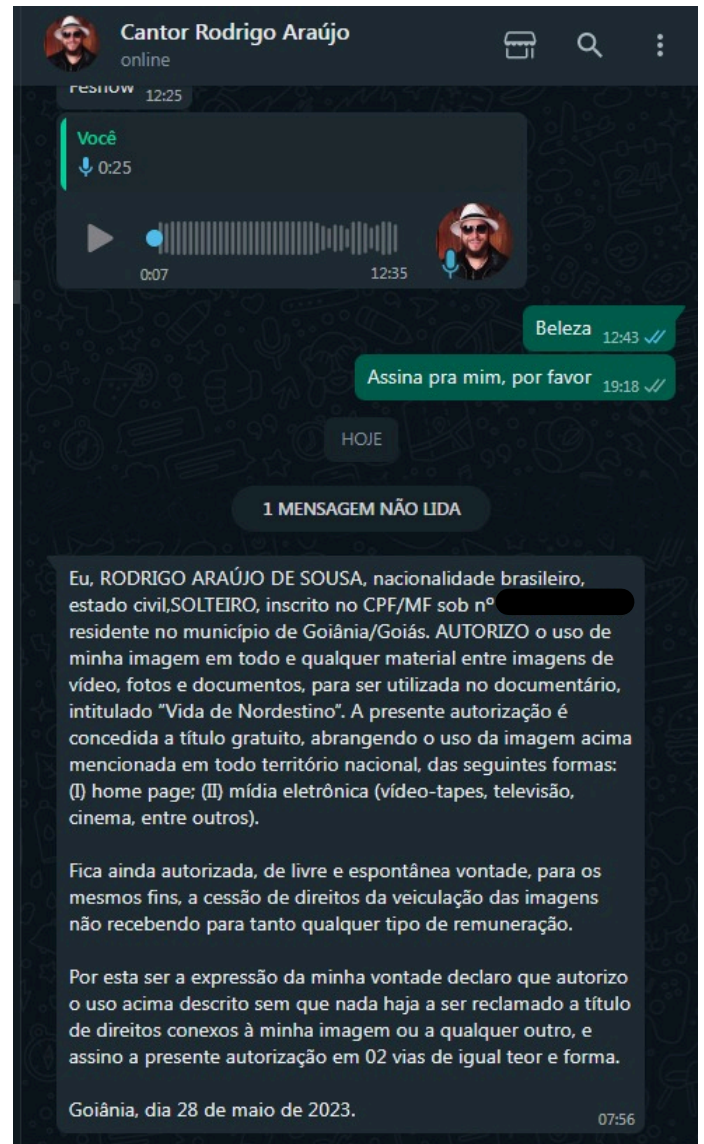
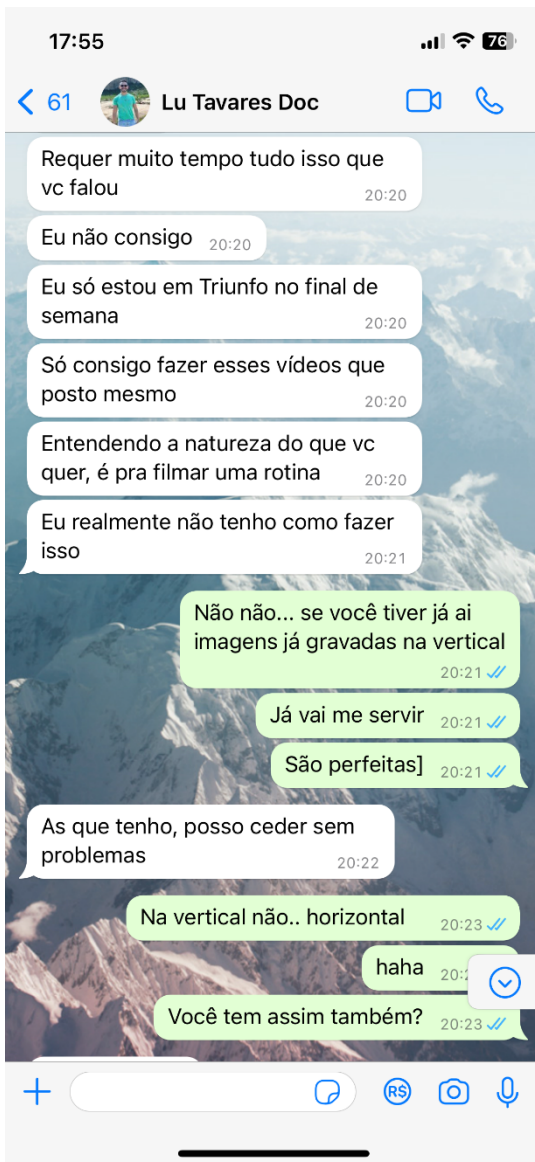
Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Barcelina, dia 26 de maio de 23.

Francisco Alves Leide
(Assinatura)







ANEXO 2 – Direitos autorais da trilha sonora



Olá, **Rodrigo!**

Sua compra de 'PACK TRILHAS NORDESTINAS 1' está aprovada e o produto já está disponível para ser acessado!

IMPORTANTE: esta compra irá aparecer em sua Fatura de Cartão como Hotmart - Allan Kardec Silva de Araujo-PACK TRILHAS NORDESTINAS 1.

PARA TER ACESSO AO PRODUTO VOCÊ PRECISA PRIMEIRO:

[Definir Senha](#)

Informações:

Link de Acesso:

<https://app-vlc.hotmart.com/login?redirect=purchase.hotmart.com>

Esse é seu usuário:

rodrigomelojorn@gmail.com

DETALHES DA COMPRA:

Produto: PACK TRILHAS NORDESTINAS 1

E-mail de Atendimento do Vendedor : allkardec@gmail.com

Vendedor : Allan Kardec Silva de Araújo

Data do pedido: 21/04/2023

Número da Transação: HP11416821153961

Bandeira: Mastercard